

A ESTATUETA DE OURO

A Estatueta de Ouro

Um Romance baseado em fatos reais



**Paulo
Cavalcante**

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

Um Romance que aborda fatos verídicos ocorridos no Facho Grande, uma região onde os índios teremembeses tiveram, por longos anos, pleno domínio. Rodrigo Tremembé era um homem marcado pelos acontecimentos ocorridos em 1679, quando os invasores saltaram a aldeia dos teremembeses. Havia se passado três séculos, no momento que ele descobriu sua descendência tremembé. Assim regressou à terra dos ancestrais. Ele tinha dois motivos para enfrentar uma cidade inteira: recuperar a estatueta de ouro, fractal sagrado dos índios; e viver um amor rabiscado na infância. E para isso, atira-se numa jornada intrigante que envolve todos que estão ao seu redor. Mas a cidade jamais admitiria perder o seu símbolo maior. E é com **A Estatueta de Ouro** que **Paulo Cavalcante** descreve a tragédia imposta pelos invasores aos teremembeses; como os seus descendentes viveram para rebuscar a história escondida dentro da história. Um mundo oculto pela dor e por sentimentos represados.

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO



PAULO CAVALCANTE nasceu em Turiaçu, Maranhão, começou sua aventura literária escrevendo poesias, depois enveredou por outros gêneros. Participou de algumas antologias, inclusive, recebeu premiação na XX Bienal Internacional do Livro em São Paulo, através da Antologia Delicatta III lançada em conjunto com escritores brasileiros e portugueses. A Estatueta de Ouro é o seu primeiro livro, um romance baseado em fatos reais. Atualmente trabalha como funcionário público, mas continua sempre ligado à arte de escrever.

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

Aos meus pais, irmãos, esposa e
todos que fazem parte dos créditos.

In memoriam de Ubirajara de Oliveira, professor e poeta.

PAULO CAVALCANTE

Apresentação



As lembranças foram me fazendo compreender que a força dos teremembeses era maior do que entendia o invasor.

Quando os meus olhos se debruçaram na ilha, pela primeira vez, no ano de 1.977, havia uma fantástica nuance que me apontava outra vida. O contraste dos sobradões coloniais e das luzes da cidade era a poesia pulsante que eu queria. Isso me arrebatou. Eu era um menino, contudo trazia de algum lugar do atlântico a saga dos teremembeses.

No Facho Grande, para os moradores, já não havia mais nem lembrança nem sinal da aldeia dos teremembeses. Essa história tinha tudo para ser esquecida – mas não esqueci não.

As lembranças e as imagens do dia-a-dia foram me fazendo compreender que a força dos teremembeses era maior do que entendia o invasor. A saga dos teremembeses não tinha mais a curiosidade da minha infância e nem era como as histórias relatadas, porque a história não estava sendo contada exatamente como aconteceu: principalmente da honra de uma tribo inteira à escravidão pelo estrangeiro. E a história se revelou com tantas formas e elementos palpáveis que não havia dúvida da bravura desse povo.

Eu fui tomando contato com o chão do vale, com o talvegue que corta o Facho Grande vindo das serras e com a vegetação mesclada entre amazônica e atlântica. Estava

PAULO CAVALCANTE

também presente a língua tupi que, subsistindo à barbárie, se acendeu no cotidiano. Os sons dos verbetes de uma língua que foi massacrada, mas que resistiu – assim como a epopéia dos nativos – ao tempo e as agruras dos governantes, não deixam dúvidas da universalidade da música.

Os objetos sagrados desse povo renasciam. Entre eles a estatueta de São Francisco Xavier – fractal sagrado moldado em ouro. Um que se permitiu realizar uma nova epopéia dessa tribo valorosa. Era como se eu tivesse vivido o momento. E assim foi crescendo o romance – misto de ficção e realidade. O menino que foi guardando as coisas contadas não conseguiu segredar.

Não deu para viver sem escrever sobre os primeiros habitantes do Facho Grande: assim surgiu Rodrigo Tremembé, descendente legítimo dos teremebeses; Helena, a nova guerreira; Rodolfo Tremembé, o último dos teremebeses.

*Esta terra tem a nossa força,
Que vem de dentro da floresta,
Onde moram os animais selvagens.
Um dia o invasor nos expulsou da nossa terra
Que nosso deus nos deu.
Esse céu azul é do nosso povo.*

Era Sebastiana que viera exatamente para selar a nova matina na vida dos contribais.

Uma nova matina sem o brilho das flechas cortando os ares sem os tambores sem os pitos de palhas – coisas que se tinham esvaecido no tempo. Mas restava a estatueta de ouro, que fazia mais sentido ainda, um farol para um novo tempo.

Primeiro uma inquietação profunda; depois, um silêncio; e os guerreiros tremembés foram se distanciando até alcançar o

A ESTATUETA DE OURO

céu entre as estrelas. Um povo que está e vai permanecer para sempre entre nós.

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

UM



A estatueta de ouro. Ele não queria aquilo, queria o simbolismo daquilo.

Havia duas semanas que, enclausurado em seu domínio, Rodrigo Tremembé praticava alguns olhares que nem chegavam a atravessar o Facho Grande. A ladeira que se avizinhava encobria toda a vista. Era mais uma prova testemunhal de sua teoria: onde hoje se amontoam algumas dezenas de casinhas brancas, polidas de ocre se vistas da ladeira, era um vale com algumas grotas que no inverno se transformavam num pequeno riacho. As encostas serviam de locais de caça para os índios teremembeses. Isso se torna mais evidente quando se observa o talvegue que corta metade do Facho Grande, até se perder no Atlântico mais profundo.

— Este local vai ser chamado de Vale dos Teremembeses — exclamou Rodrigo, batizando — com muita justiça — o sítio que acabara de adquirir.

Assim fazia uma homenagem aos seus ancestrais. Ele era descendente da Nação Tremembé que durante longos anos povoou aquela plaga.

A aldeia dos teremembeses localizava-se nas margens da baía do Facho Grande, numa posição privilegiada, formando um viés de terra no Atlântico.

PAULO CAVALCANTE

Durante séculos esse povo habitou a região até o rio Caité numa interação precisa com a natureza. Foi dali que avistaram a chegada dos jesuítas da Companhia de Jesus. Os visitantes trataram logo de instalar uma missão na nova terra. De tempos em tempos, os religiosos visitavam a aldeia e numa dessas visitas fora doado aos índios uma estatueta de São Francisco Xavier, moldada em ouro maciço. Isso fez com que os índios construíssem um orago ao santo que servia toda a aldeia. Não são relatados nos anais, mas os nativos mantinham boas relações com os visitantes. Tão distantes da fama que ganharam de canibais, todavia.

— O que a cidade sabia? Mas o que realmente se sabe sobre os teremebesos? — Rodrigo muitas vezes se perguntou.

Houve uma batalha no Vale dos Teremebesos, certa vez. Por algumas horas, milhares de guerreiros tremembés detiveram o avanço dos soldados do grão-pará. Depois, a armada dos invasores cobrou um preço alto dos nativos: destruíram suas vidas e suas memórias. Foi uma luta desigual: as armas de fogo fizeram diferença. Uma brutalidade sem precedente.

Mas a história conta de outro jeito. Em 1679, o Governador do Grão-Pará, Inácio Coelho da Silva — sob pretexto que esses índios eram antropófagos — organizou uma expedição armada comandada por Vital Maciel Parente, cujo desfecho foi o genocídio em massa dos teremebesos.

Rodrigo sabia o que queria. A estatueta de ouro que residia no meio da Praça de Xavier, protegida por um santuário vítreo e cercada por seguranças, era o seu alvo, mesmo que isso parecesse impossível. Esse era um assunto guardado a sete chaves.

— Eu quero o fractal sagrado da saga do meu povo! — certa vez resmungou, observando o tão sonhado objeto.

A ESTATUETA DE OURO

Na realidade, ele não queria aquilo, queria o simbolismo daquilo. No instante, no segundo que conseguisse, realizaria o seu ideal. Não queria mais nada, nem tampouco a matina dos momentos que estava vivendo. Somente isso para continuar a história dos teremembeses.

— Veio se juntar a nós, finalmente? — indagou um amigo do tempo de colégio, logo que Rodrigo retornou ao Facho Grande.

— Vim aqui para trabalhar, para dar a minha contribuição à terra que nasci! — ele respondeu, disfarçando o motivo de sua volta.

É claro que o seu desejo era este: que todos pensassem assim. A cidade era conservadora e jamais receberia de braços abertos alguém que viesse tomar-lhe um símbolo. Era uma vila quando saíra com quinze anos. Agora a cidade estava desenvolvida, mas o símbolo continuava o mesmo: a estatueta de ouro de São Francisco Xavier.

— Claro, claro! Está muito bom! — dizia quando lhe indagavam sobre a administração local. Não queria levantar nem uma suspeita. Era revolucionário de uma causa só.

Às vezes, espichava-se na rede, entrelaçava as mãos, suspendendo acima da cabeça, esticava os dedos, repetidas vezes, estalando-os, como se quisesse testar as articulações. Numa dessas vezes se deu conta do céu estrelado.

— As constelações são figuras como descrevem os mapas e cada quintal tem um céu diferente — disse, fixando o olhar na constelação de Órion. Não que isso fosse verdade, era o que se desenhava naquele momento e ele tinha certeza do que via. Aquela era a sua verdade.

A silenciosa reflexão só se encerrava quando Juca, o seu vizinho, chegava do colégio. Era dessa forma que ficava

PAULO CAVALCANTE

sabendo dos acontecimentos, informado nos mínimos detalhes pelo vizinho. Juca era um jovem perspicaz que parecia adivinhar quando algo ia acontecer. Ele sempre estava lá tomando ciência.

Por alguns segundos, Rodrigo se distanciou de todos os problemas. Ele estava predisposto a mergulhar no céu estrelado do Vale, mas Juca quebrou o silêncio. Nessa noite, chegou mais tarde. Veio do colégio numa disparada como se montasse um corcel:

— Rodrigo! — Juca exclamou, com uma expressão diferente.

Rodrigo ainda não se havia virado, mas tinha certeza que a notícia era impactante.

— O que está acontecendo, Juca?

— Eu vi uma coisa — ele disse, esfregando as mãos.

Havia um abajur na sala e o rosto assustado dele foi iluminado pelo clarão.

— O que você viu? — Rodrigo indagou.

— Elas estavam numa cama. Uma coisa espetacular, você tinha que ver!

— Quem?

— Luiza e Helena.

— Hein, o quê? — Rodrigo cerrou os lábios, perplexo.

— Foi o que eu disse, elas estavam nuas na cama, se beijando.

— O que foi isso que você viu?!

— O que foi o quê?

— Essa história... Como foi?

— Eu estava passando na frente da casa de Luiza, ouvi uns gemidos e resolvi espiar pela fechadura e elas estavam lá, roçando uma perna entre a outra.

— Eu não acredito nisso! Não, não, Isso não é possível.

A ESTATUETA DE OURO

- É a verdade! Eu vi! Eram as duas.
- Tem certeza que olhou direito?
- Claro que olhei!
- Que coisa!

Juca estava exteriorizando a cena e o tom do seu rosto era de excitação. As imagens estavam na sua mente. Ele falava mais da beleza exuberante de Luiza: as pernas bronzeadas; os seios grandes e firmes; os gemidos roucos impressionantes que emitia. Uma imagem dentro da imagem.

Suspirando, Rodrigo disfarçou. Uma expressão enfurecida fixou-se lhe o rosto. Ficou parado, sem acreditar, enquanto Juca se afastava rapidamente, esfregando as mãos, em direção ao banheiro - um deus nos acuda.

Rodrigo ficou desolado, primeiro por que amava Helena desde a infância, ainda que nunca houvesse declarado o seu amor; depois, por que lhe confiou informações importantes sobre a sua vida, como a descendência Tremembé que possuía. Certa vez ele lhe revelou: jurou para si que não desistiria da luta para reconquistar um espaço nas terras que um dia pertenceu aos teremebes.

— Eu só desisto desta terra quando morrer – ele afirmou, sacudindo a cabeça.

Outra vez desabafou com ela:

— Os teremebes passaram por tanta angústia, massacre, tortura, e genocídio. E não foi só em 1.679, até hoje os povos indígenas que restaram não têm as terras demarcadas e legalizadas; o direito à educação, à saúde, à integridade física; o respeito a sua língua. A verdade é que, quando os portugueses desembarcaram aqui, ninguém sabia ao certo a quantidade de índios que existiam, falam em 5 milhões de habitantes. Mas deveriam existir muito mais. Eram centenas de povos que se respeitavam e viviam integrados. Não havia

guerras e nem emboscadas. Hoje são aproximadamente 400 mil índios. Aí se vê quantos foram exterminados. Os invasores não trouxeram mulheres. Eles matavam os índios e estupravam as índias. E aí começou a mistura da raça do índio com o invasor. Por tudo isso, queremos de volta o que nos tiraram, principalmente a estatueta.

Dessa vez, Helena estava preocupada com ele e resolveu aconselhá-lo.

— Rodrigo tenha cuidado. Eu sei que eles são capazes de fazer tudo para não perder a estatueta de ouro. Os índios que no passado tentaram fazer isso foram mortos com muita violência.

Logo em seguida, ele voltou a imaginar aquela cena tentadora. O deslizar suave de formas e línguas que encheram os olhos de Juca; uma volúpia de beijos e roçar de pernas que fizeram o rapaz sair em disparada e — só Deus sabe como — chegar ao Vale dos Teremembeses.

— Que coisa — ele murmurou, inquieto com a novidade, porque tantas lembranças bonitas, agora, estavam ameaçadas de desgaste.

Repentinamente voltou à infância, na escola: Helena, a menina linda e misteriosa que sentava na carteira detrás. Ele podia sentir o seu perfume: um aroma, tão peculiar, composto de flores envelhecidas, que nunca esquecerá — era como uma fragrância guardada dentro de um baú antigo, num quarto vazio, exposto todos os dias na sala de aula.

Quinze anos que não tinham passados, pois Helena estava ainda mais bela. Incrível como o tempo lhe fizera bem. Aos 25 anos, tinha o corpo esbelto, pele branca, cabelos louros reluzentes, olhos verdes e brilhantes, face levemente rubra e pernas torneadas de tal modo que os olhares sequiosos

A ESTATUETA DE OURO

permaneciam imóveis aos seus encantos. Uma jovem comunicativa e bastante admirada.

No momento que a olhou, depois de tantos anos, sentiu os olhos dela divertidos. Ele tinha todo o interesse em cultivar uma longa amizade, ainda que o seu sentimento fosse maior. Aquele beijo que não saiu, há quinze anos, ficara guardado e, agora, sonhava experimentá-lo. Sabia muito bem como isso era importante.

— O que será que estava acontecendo? — inquietou-se.

A expressão de espanto voltou a tomar conta do seu rosto. Estava sendo muito duro saber do encontro das duas, mas seu comportamento também era de irritação.

— Não, não, não!

Ele não podia negar que jamais vira Juca inventar alguma coisa. Olhou no rumo da ladeira e sentiu vontade de ir até lá para ver o que estava acontecendo. Os seus pensamentos estavam confusos. Ali, naquela inquietação, tentava se recompor do fato.

— Meu Deus! Todo esse tempo não fiz nada — murmurou, lembrando novamente os anos que esperou por aquele amor.

Mais não queria desistir - queria mais do que nunca. Assim tentava encontrar alguma lucidez no que aconteceu, pois imaginou que poderia ser apenas uma curiosidade entre as duas.

E exatamente foi isso que aconteceu. Luiza, primeiro, com jeans, deixando a calcinha aparecer; Helena com um longo de seda; Luiza se mostrava desesperada para amar como qualquer pessoa — cheia de virtudes e pressas — ao mesmo tempo livre e presa; Helena estava apenas curiosa, nunca havia tido uma sensação assim.

PAULO CAVALCANTE

Logo resolveram experimentar um desejo que era apenas fantasia. Luiza foi ficando desinibida, enquanto Helena estava se sentindo estranha.

Depois, o clima foi aumentando e tudo que era bom para uma era bom para a outra. Entretanto, ficaram nos beijos e carícias, nada mais.

— Isso acontece com todo mundo — ele murmurou, encontrando um jeito de manter a esperança.

Já era tarde quando decidiu que na manhã seguinte faria uma visita a Helena.

Naquela noite, esforçou-se para dormir, queria esquecer tudo, mas a única coisa que conseguiu foi pensar ainda mais naquela imagem: Ora vinha Luiza, corpo esbelto e cabelos louros encaracolados. Era muito bem-dotada; ora Helena, olhos brilhantes, divertidos; ora Luiza, frenesi com o corpo dourado; ora Helena, nua, os corpos roçando; ora os fractais de luzes se aprofundando naquela paisagem tentadora; ora o buraco da fechadura mergulhando nas curvas douradas.

DOIS



*À primeira vista, parecia um gigante
de pedra desafiando o tempo.*

A campainha do telefone rompe o silêncio no sobradão de Dona Lígia. Helena, subitamente, lembra das carícias trocadas com Luiza.

Joana, a governanta, atende:

— Alô?

— Helena está? — Luiza indaga do outro lado da linha.

— Um momento, eu vou chamá-la — Joana disse, acenando para Helena.

Helena olhou para Joana, surpresa. Repentinamente fez um sinal para que a governanta dissesse que havia saído.

Dona Lígia ficou intrigada com a atitude de Helena.

— É Luiza ao telefone?

— É.

— Minha filha, por que você não atende o telefonema de sua amiga?

— Tenho muitas tarefas para hoje, tia. Além do mais, ela quer é ficar passeando pela cidade — ela respondeu, disfarçando a má vontade de falar com Luiza.

Helena ficou calada por um longo tempo. Depois esboçou um pequeno sorriso, mas não conseguia esquecer o

que tinha acontecido. Quinze minutos depois, resolveu indagar sobre as correspondências.

— Joana! Chegou alguma carta?

A voz de Helena estava alterada.

— Tem uma aqui — respondeu a governanta.

— É minha! É a minha carta! — gritou Helena.

— Pára com essa gritaria, Helena — protestou Dona Lúcia.

Depois de um longo silêncio, Helena perguntou:

— O que vamos comer hoje?

— Não sei, deixei tudo por conta de Joana — Dona Lúcia respondeu.

Helena seguiu até o corredor, parou em frente a um quadro-negro, onde a governanta escrevia com giz a lista das iguarias.

Camarão ao leite de coco
Peixada Atlântica
Torta de Sururu

Era mais um dia na rotina do sobradão.

O sobradão era uma fortaleza fincada em base rochosa, todo construído de pedras talhadas, ordenadas em armações de troncos de madeiras rústicas: paus-d'arco, paus-ferro e maçarandubas.

A ESTATUETA DE OURO

Edificado no século XVI pelos escravos, era um marco da colonização, numa época onde predominava o comércio de escravo, algodão, malva, coco, açúcar e café.

Os arredores, no entanto, eram formados de construções mais simples: nada que oferecesse realce a sua supremacia. À primeira vista, o sobradão parecia um gigante de pedra desafiando o tempo. Depois da escada, havia duas varandas semelhantes a dois trapézios unidos em forma de L, um misto de pedra e madeira. As varandas eram amplas e entreabertas. Ao longo dessas varandas se enfileiravam dezenas de quartos que buscavam a claridade do sol e da lua através de portas-janelas estreitas, profundamente fincadas na parede, e as esquinas encostadas em pedras pontiagudas.

Helena e Dona Lígia conversavam na varanda do sobradão.

— Lembra quando eu trabalhava aqui em cima. Agora todo mundo está trabalhando lá embaixo... E eu sou só uma velha.

Antes, nos quartos que servem de dormitório, funcionava um grande ateliê de confecção de roupas e era Dona Lígia que coordenava todo o serviço. Por conta disso, havia um grande movimento nas varandas. Porém tudo mudou, e Dona Lígia sentia-se isolada, apesar do conforto que o velho sobradão propiciava, ali próximo do Atlântico, diante da bravura do mar.

Helena segurou a mão da sua tia.

— Nada disso — sacudiu a cabeça — estou aqui e nunca vou abandoná-la. A senhora está ótima e, além do mais, é hora do almoço, a sala vai ficar cheia.

— Obrigada — Dona Lígia disse, enquanto estendia a mão acariciando o rosto de Helena, que também sorriu, retribuindo gesto.

PAULO CAVALCANTE

— Vai dar tudo certo, tia.

— Você realmente é uma boa filha. Não sei o que seria de mim sem você.

Era exatamente isso, Dona Lígia tomou-a como filha. Helena tinha dois anos de idade, quando a mãe deixou a vida pacata do Facho Grande, correndo sempre atrás de aventuras amorosas.

Contudo, havia alguma coisa de diferente no sobradão. Um novo hóspede para ocupar um dos quartos. Uma maleta preta, um blazer estirado no ombro e um livro debaixo do braço. Já no café da manhã o clima era de alegria.

Ubirajara era um historiador que, além do brilho do bom humor, passava um bom aspecto. Ele foi logo se apresentando apesar de ninguém perguntar quem ele era. Por algum motivo queria residir no Facho Grande.

— Gostei muito da cidade — desabafou logo nas primeiras horas sem ao menos conhecer o Facho Grande.

Helena podia compreender. A cidade era longínqua e isso a fazia parecer um tesouro escondido no Atlântico. Um lugar para esquecer os problemas. E ele parecia ter um projeto para si mesmo.

Repentinamente passos ecoaram da escada principal do sobradão. Era Rodrigo que, cheio de expectativa, resolvera fazer uma visita a Helena. Mas algo havia mudado. Ele sabia.

Ela avistou-o da varanda.

— Que surpresa boa — disse Helena.

Por um instante, ele não soube o que dizer. Estava de volta na sua cabeça o que Juca lhe contara.

— Oi Helena. Estava passando aqui em frente e resolvi encostar para saber como vai indo?

A ESTATUETA DE OURO

Pela primeira vez na vida não estava gostando de si mesmo. Não sabia como conversar com Helena. Sua face mudou de cor, deu um sorriso tímido, e virou o olhar para o horizonte. A vista, da varanda, era um espetáculo, a vegetação marinha ia fazendo círculos, um dentro do outro, formando aquela paisagem deslumbrante.

— Isto não é magnífico? — ela disse, apontando para o oceano.

— É verdade! Eu imagino que no final vai dar em St. Louis — Rodrigo respondeu, enquanto observava os círculos oceânicos.

E era na verdade o que acontecia. O Atlântico Norte parecia acalentar St. Louis. As lembranças faziam-no regressar a ilha. Estava ali tão perto e ao mesmo tempo longe. Nesse momento, Helena chegou mais perto. As mãos dela eram surpreendentemente macias. Os dois se aproximaram um do outro e entrelaçaram as mãos. Uma coisa era certa: havia intensidade na amizade.

Passaram os dez minutos seguintes como se tivessem brincando de gato e rato.

— Faz tempo que você não me faz uma visita, Helena?

— Mas o que está acontecendo, Rodrigo? Você nunca me convidou!

— Sempre passo aqui...

— Não estou certa?

— Não?

— Olha Rodrigo, Não sei se a sua namorada vai gostar da minha presença em sua casa.

— Eu não tenho nenhuma namorada, e você sabe disso.

— Nenhuma mesmo?

— Não!

— Acho que você vai ser padre.

PAULO CAVALCANTE

— Não! Eu não tenho vocação para ser padre.

— E você... Tem um namorado?

A pergunta pegou-a de certa forma desprevenida. Depois respondeu:

— Absolutamente nenhum.

Os dois sorriram por um instante.

Fez-se um pequeno silêncio. Depois Helena interrompeu:

— Tenho alguém para te apresentar.

— Quem? — Rodrigo indagou.

— O nome dele é Ubirajara. Acho que ele é professor de História.

— Professor?

— É um historiador — explicou Helena, dando uma olhada de soslaio.

— Eu só estou achando estranha a maneira com que você fala dele.

— Por que você está falando assim comigo — disse Helena, enfurecida.

— Desculpe.

Rodrigo tentou um sorriso, mas não estava num dia feliz. Aquela maldita cena não lhe saía da mente. Helena estava espantada com algumas atitudes dele e perguntou:

— O que está acontecendo com você?

— Está tudo bem!

Ele fitava-a, imaginando aquelas curvas sedutoras deslizando no seu corpo. Outras vezes as imagens se confundiam: pois vinha na sua mente o corpo dourado de Luiza. A volúpia lesbiana não deixava os seus pensamentos concentrados. Para escapar dessas divagações pôs-se a observar pela varanda.

A ESTATUETA DE OURO

Um breve ruído de uma porta se abrindo.

— Ubirajara! — exclamou Helena, chamando o novo hóspede.

Ubirajara sorriu. Estava bem descontraído: sandália nos pés; bermuda bem alinhada; camisa de mangas curtas; e junto ao peito uma moeda, usada em forma de berloque, preso a um cordão de prata.

— Bom dia, Helena! — Ubirajara disse, sorridente.

— Bom dia! Este é Rodrigo — ela cumprimentou-o, apresentando o amigo.

Rodrigo estendeu a mão.

— Estou ansioso para conhecer a cidade! — exclamou Ubirajara — eu cheguei praticamente hoje, ainda não tive tempo de sair.

— Talvez possa ir conhecer o Vale, onde moro — Rodrigo sugeriu.

— O Vale?

— Sim, chamo de Vale dos Teremebes, é um sítio extremamente acolhedor. Bem pertinho daqui.

— Obrigado pelo convite — ele agradeceu.

Ubirajara estava impressionado com a paisagem. Ele fixava a vista nas encostas cobertas de mangues. Dali se desprendia um bando de aves de todas as cores, em busca de abrigo. Os guarás e as garças prevaleciam, em quantidade, sobre as outras aves.

— Então aguarde até eu mostrá-lo as praias e tantas lugares que temos por aqui — revelou Rodrigo.

— Quero mesmo conhecer tudo!

— Tenho certeza que você vai gostar.

Ubirajara concordou, sacudindo a cabeça.

PAULO CAVALCANTE

A viagem para se chegar ao Facho Grande era cansativa, mas compensava pela beleza da paisagem marinha.

Por um instante Rodrigo esqueceu toda a inquietação. Concentrou a vista na parte posterior do sobradão. Havia um filete formado de pedras evidentes e uma escada de madeira completamente reta que dava acesso a um talude de tajás. Do outro lado da rua, enfileirados junto à orla, aconchegantes barzinhos com aparadores em formatos de guarda-chuvas tornavam a cidade mais encantadora.

TRÊS



*Luisa segurou o brinquedinho, balançou
acima dos lábios, depois deslizou a língua.*

Algumas cortinas da sala ainda estavam abertas iluminadas pela luz tênue do carcel prateado. Helena fechou as cortinas e apagou a luz. E outra luz foi adentrando a sala — era o mesmo clarão da manhã que iluminava os ventos encharcados de espumas que iam se despedaçando entre os manguezais.

— Suavidade mesmo só ali à beira-mar. Mas é uma suavidade disfarçada — comentou Helena.

— Isso mesmo! — concordou Joana.

Elas estavam certas. O vento embriagava e sacudia as canoas encravadas no rosicler ocidental, mas o lume do sol permanecia ardente. Assim mesmo, a brisa ou os respingos salubres só atenuavam o calor.

— Vamos tomar um sorvete antes do almoço? — Rodrigo convidou-a, fazendo jus ao calor da manhã.

— Ah sim — respondeu ela.

— Por que não vem conosco? — Rodrigo perguntou a Ubirajara, enfatizando o convite.

PAULO CAVALCANTE

Contudo, a prioridade do novo hóspede não era tomar sorvete, apesar do calor que estava fazendo, pretendia primeiro se estabelecer: queria mesmo era um emprego. E depois que se despediu, afastou-se rapidamente.

— Maravilhosa a sua idéia! — disse ela, enquanto desciam pela escada.

Helena e Rodrigo conversavam sobre Ubirajara:

— O que você achou?

— Parece um sujeito legal — Rodrigo respondeu.

Helena concordou:

— Hum... Acho que podemos apresentá-lo aos nossos amigos.

— É, nada contra, ele pode fazer alguma coisa pela cidade, principalmente agora que está se desenvolvendo, e precisa de gente com idéias brilhantes.

A cidade estava mesmo desenvolvida e isso aconteceu a partir da instalação da mineradora; mas ainda mantinha os ladrilhos das casas antigas, as vielas de paralelepípedos, as carroças de cavalos e as de bois que buzonavam em atrito paralisando os ouvidos com o agudo prolongado daquele silvo horrível. E esse contraste a fazia mais desafiadora.

Quando os dois dobravam a primeira esquina, apareceu Luiza. Houve um longo silêncio. Depois Rodrigo fechou os olhos por um momento e respirou fundo. Helena, porém, cortou o silêncio:

— Você parece preocupada, Luiza.

Essas palavras se transformaram num nó na garganta de Rodrigo. Ele pressentindo as intenções dela com ela, desde o início, estava inquieto.

— O que é que essa garota está querendo? — Resmungou Rodrigo.

Luiza então disse:

A ESTATUETA DE OURO

— Eu precisava falar muito contigo, Helena.

Helena virou-se para Rodrigo.

— Posso conversar com ela a sós?

Rodrigo ficou paralisado por uns segundos, mas rapidamente voltou a si e caminhou para a calçada.

O pior é que Luiza conversava e dava umas olhadinhas para Rodrigo com um sorriso discreto, mas que continha um pouco de ironia. Ele observou pela expressão do canto de sua boca e ficou com vontade de ir até lá. Em seguida se conteve e murmurou:

— Puxa! Estava tudo tão bem para ser real.

Só na hora que elas terminaram a conversa é que Rodrigo voltou à tranqüilidade e, fazendo um a força terrível, procurou deixar outra impressão. O que ele não gostou mesmo foi que Helena estendeu o convite do sorvete.

— Que legal! — disse Luiza.

E assim foram os três a uma sorveteria.

Luiza percebeu que Rodrigo era apaixonado pela sua amiga e procurou apimentar o assunto.

— Vocês estão namorando?

Ele não respondeu, mas Helena não gostou do que Luiza disse e retrucou:

— Não quero falar sobre isso

— Muito bem — disse Luiza, sorrindo.

Nos dez minutos que se seguiram, Rodrigo ficou pensando: o que Luiza queria. Logo se despediu e rumou para o Vale dos Teremebes.

Já era tardezinha quando Helena foi até a casa de sua amiga.

Luiza queria uma noite de amor, mas o seu olhar era intrigante.

PAULO CAVALCANTE

— Você tem alguma coisa com Rodrigo? — perguntou Luiza, sem ao menos cumprimentar Helena.

Helena ficou surpresa e disse:

— O que você quer saber com essa pergunta?

Luiza ficou ruborizada e não escondeu o seu descontentamento ante a frieza da resposta.

— Pensei que você viesse hoje de manhã aqui.

Helena ficou em silêncio, observou que havia mágoa nos olhos dela e, finalmente, disse:

— Sempre fomos amigas. O que aconteceu foi só uma fantasia.

O que Helena dizia era verdade. Aconteceu uma única vez, e por coincidência Juca descobriu. Depois continuou:

— Sei que você não consegue entender, mas preciso ficar bem comigo mesma.

Os olhos de Luiza encheram de lágrimas e a sua falta de compreensão era desoladora. Assim questionou a amiga:

— Você está com medo do que as pessoas vão dizer!

— A minha decisão não tem nada a ver com o fato de medo ou preconceito, Luisa — Helena respondeu, olhando fixamente nos olhos dela.

— Não posso acreditar nisso.

— Foi só uma brincadeira o que aconteceu, Luiza. Esquece isso.

— Não! Não! Não vou esquecer e vamos continuar de onde paramos.

Helena restou paralisada. Era inútil continuar conversando. Luiza entendia aquele olhar como uma esperança e parecia delirar, ou, talvez, algo regasse a sua expectativa.

O clima entre as duas poderia terminar numa noite de amor. Havia uma inquietação no ar. O simples toque, a intimidade, tudo seria divertido. Luiza implorava por isso e não

A ESTATUETA DE OURO

escondia sua intenção. O rosto atlântico, bronzeado ao sol, realçava com os cabelos louros. O corpo escultural estava adornado por um short e blusa mínimos. Tudo era tentador. Mas alguma coisa havia mudado. Helena não ajudava: os seus pensamentos estavam longe e havia firmeza na sua decisão.

— Droga de vida! — Sussurrou Luiza.

Ela pensava que Helena havia desistido por causa de Rodrigo, e ainda recordava o momento de prazer que aconteceu com toda paixão. Dessa forma, estava presa ao círculo que envolvia o amor não correspondido, ainda que não que lhe faltasse atributo para se libertar.

— Vem Helena! — disse, enquanto prendia o lábio inferior aos dentes, olhando para amiga com volúpia.

Depois se virou enquanto a luz dourava os pêlos louros, eriçados, que circundavam o seu braço: isso a fazia parecer de uma raça diferente. Mais um movimento, e a luz foi clareando também os pêlos abaixo do umbigo; tirou a toalha de banho e se despiu, tentando provocar a amiga.

— Pára com isso! — Helena gritou — você não está vendo que não quero nada. Foi apenas uma brincadeira de amigas, não quero nada mais.

Luiza não queria entender, os seus olhos estavam repletos de más intenções. Em seguida soltou os cabelos louros, encaracolados, numa última tentativa, em vão.

Curioso como o que Luiza fazia, num homem, iria provocar a mais voluptuosa das paixões. Era exatamente isso. Se existe uma diva que os homens cobiçam dia e noite, então a cidade tinha uma.

Helena estava se sentindo estranha, mas decidiu que aquela história acabaria ali. Não queria mais as carícias do jeito que aconteceu. Foi uma experiência que quis guardar só para si.

Não havia outro sentimento maior que não fosse amizade. Assim se retirou dali.

Luísa não se conformava, deslizando na cama, despiu-se do que a sufocava. Tudo saía nas lágrimas.

Dez minutos depois, ela apanhou um *brinquedinho* que comprara num sexshop e ocultava debaixo do colchão, balançou-o acima dos lábios, deslizou a língua e olhando fixamente para o objeto, murmurou:

— Esta é a coisa mais importante que alguém já fez depois da invenção da roda.

Os seus gemidos demoraram meia hora. Ela não pensara, mas isso ajudava naquele momento. Ao fazer isso, o seu corpo, debruçado e nu, se transformava na mais bela paisagem sinuosa do pecado ou qualquer coisa assim como a tentação.

Em seguida as luzes se apagaram, e Luíza havia se tornado uma mulher mais sensata ou ainda mais imprevisível.

QUATRO



*Rodrigo e o gato preto saíram correndo pela escada,
em sentido contrário, com os pêlos arrepiados.*

— As coisas mudam rapidamente. Esses dias que eu soube do encontro das duas foram péssimos — exclamou Rodrigo quando chegou ao Vale dos Teremembeses.

Incrível como tudo isso aumentara o interesse dele pela moça.

— O que estou fazendo para recuperar a estatueta? Não deveria estar preocupado com tantas coisas. O que aconteceu com o plano de pegar de volta o fractal sagrado de meu povo?

Ele jamais se deixaria levar pelas novidades, estava ali no Facho Grande com um objetivo maior: recuperar a estatueta de São Francisco Xavier, imagem que fora doada pelos jesuítas.

Os jesuítas, baseados na Lei Régia de 1.655, acompanharam várias explorações em território ameríndio e assim, por vezes, atenuaram a incansável ambição dos estrangeiros sobre as terras dos índios e a mão-de-obra escravocrata. Isso aconteceu com os teremembeses desde o Facho Grande até as costas dos Lençóis.

— Tupã abençoará a nossa luta para recuperar o nosso santo — Rodrigo murmurou, fixando a vista no vale.

PAULO CAVALCANTE

Foram muitas vidas exterminadas. A espiritualidade dos tremembés renascia na mente dele. O Vale dos Teremembeses era um lugar sagrado. Ele sabia.

Entretanto, os questionamentos perseguiram-no: Helena estava na sua mente, dia e noite, noite e dia; até mesmo depois dos últimos acontecimentos.

— Sabe de uma coisa Rick? — disse Rodrigo — vou resolver tudo com Helena, depois agirei para recuperar a estatueta.

Rick rosou, satisfeito, enquanto refugiava-se da chuva ao lado da poltrona. .

— Os cães precisam também de carinho — Rodrigo murmurava, enquanto passava a mão na cabeça do animal.

— Quando a chuva passar irei até o sobradão!

Como a chuva fora repentina, não haveria problema de chegar ao sobradão utilizando uma rua secundária. Ele planejou:

— Vou contornar o talude de tajás do quintal do sobradão pelas encostas.

Rick rosou novamente, concordando.

Antes de seguir para Helena, Rodrigo olhou novamente para o vale sombrio. O cajueiro florido e o maracujá-mirim, exatamente dispostos como nos tempos áureos dos teremembeses, adornavam o ambiente. Sentiu uma vontade de preparar um licor igualmente àquele feito pelos ancestrais, chamado de mocoroca. Era um momento de relaxar e esquecer todos os infortúnios, mas o desejo de vê-la era intenso.

Já era noite quando rumou para o sobradão. Antes, decidiu passar pela Praça de Xavier e dar uma observada na estatueta de São Francisco Xavier que ficava ali, cercada de segurança. De repente alguma coisa mexeu no canto sombrio

A ESTATUETA DE OURO

da Praça de Xavier. Eram duas garotas, e ele teve a impressão que uma ou outra lembrava alguém conhecido. Olhou com cuidado e teve a certeza: era Luiza frente a frente com uma adolescente. Elas pareciam estar só conversando, mas, num segundo, Luiza alicerçou-se na mureta da praça e aprumada agarrou a ninfeta de jeito e, para completar, a menina começou dar uns gemidos.

— Deixa pra lá — resmungou Rodrigo.

Depois seguiu para o sobradão. Escutou passos na escada que dava acesso à varanda. Virou-se para olhar... Era Ubirajara.

Rodrigo sorriu e disse:

— Boa noite!

Ubirajara chegou mais perto e concordou:

— Que linda noite, não?

Rodrigo esquivou-se à pergunta e indagou:

— Helena se encontra?

— Passei por ela agora mesmo — Ubirajara disse, apontando para o corredor.

Rodrigo subiu os degraus de madeira e entrou numa sala no começo do corredor. Ali havia uma pequena biblioteca onde Helena gastava as horas, estudando.

— Sente-se, Rodrigo — disse Helena, oferecendo uma cadeira.

Rodrigo sentou-se. Nos minutos seguintes, o silêncio tomou conta da sala. Helena estava concentrada no livro — uma leitura silenciosa.

Ele levantou-se da cadeira dando as costas a Helena; deu alguns passos — rompendo o silêncio — como se fosse apanhar um livro na prateleira; em seguida, revolveu e sentou novamente; depois tossiu propositalmente. Helena fitou-o, imóvel.

PAULO CAVALCANTE

— O que Luiza queria contigo? — ele levou dez minutos para fazer a pergunta e quando isso aconteceu, as palavras saíram engasgadas. Mas se não tivesse feito naquele momento, depois não a faria.

Ela olhou-o com uma expressão hesitante.

— Veja só... Ela queria que eu fosse dormir lá, ontem à noite.

Rodrigo lançou-lhe um olhar espantado.

— É...

Ele procurou disfarçar sua inquietação com o que parecia mais um interrogatório.

— Eu não fui, pois tinha que estudar para uma prova — exclamou ela, em voz alta.

Rodrigo fechou os olhos por um instante, sentiu-se aliviado. Entretanto, Helena estava intrigada e indagou:

— Por que essa pergunta?

— Sabe o que acabei de ver?

— O quê? — ela quis saber, com espanto.

— Luiza se agarrando com outra menina, agora mesmo, ali na praça — bradou Rodrigo.

Helena sentiu um espanto repentino.

— Meu Deus! Você não pode estar falando sério.

— Essa garota não é normal. Você não acha? — exclamou ele, desconcertado.

— Suponho que sim. Ela faz cada coisa

— Você pode ir até lá se quiser.

— Eu... por quê? — retrucou Helena, imaginando o porquê das palavras de Rodrigo.

Ela não conseguia imaginar que o acontecido entre as duas havia vazado.

— Está fazendo muito frio e acho que vou indo — disse Rodrigo, na mesma hora que a chuva voltou trazendo consigo

A ESTATUETA DE OURO

um vento frio. Isso o preocupou, pois já estava ficando tarde da noite.

— Você não pode ir debaixo dessa chuva — explicou ela, estudando-o por um instante.

Rodrigo ficou, em silêncio, enquanto Helena se indagava: — Seria aquela pergunta dele uma declaração de amor. Se fosse não a queria deixar passar em branco.

Ele olhava-a de soslaio e ela sentiu que o calor da amizade estava evoluindo para algo mais profundo — uma nova intimidade que se formava. Passaram-se duas horas e a noite já era profunda quando ele assentiu que estava tarde. Na hora que foi se despedir, levou a mão ao seu encontro: os seus dedos se tocaram. Ruborizados, ficaram face a face; depois mais perto... os passos na varanda indicavam a presença de alguém e Helena inquietou-se.

— Acho que é tia Lígia! — murmurou. Depois que o silêncio voltou, emendou: — O portão da frente deve estar fechado.

— É, bem... Vou indo — murmurou ele, procurando concordar com a preocupação dela.

Helena foi deixar Rodrigo até a saída lateral. Havia lá uma escada de pedras quase nunca usada. Era a mais segura para ocasião.

— Tenha cuidado, Rodrigo.

— Pode deixar — respondeu ele.

— A gente se fala amanhã, um beijo.

Quando descia a escada, apoiando-se na parede lisa, tropeçou e caiu. Ao levantar, olhou para o alto e viu os cabelos dourados dela brilhando na luz pálida que vazava da varanda. De repente o vento mais frio bateu na parede e subiu pela escada. Ele sentiu um arrepio e quase despenca do degrau. Depois veio andando de costa e quando se virou, deu com um

PAULO CAVALCANTE

gato preto subindo. Os dois correndo pela escada, em sentido contrário, com os pêlos arrepiados. Se não tivesse descido com tanta pressa, veria que o animal queria somente alcançar a clarabóia.

CINCO



A luz batia na vegetação e depois vinha contracenando com outros materiais: granito, alumínio, ferro.

Já era de tardezinha quando a campainha tocou no número 365 da Rua Othon Lern. Na realidade era uma viela. Ubirajara insistiu e como não havia sinal de atendimento, ouviu-se vários gritos:

— Rodrigo! Rodrigo!

Juca, que morava em frente, olhou pela janela.

— Deve estar dormindo. Ontem ele Chegou por volta de meia-noite e meia, debaixo de um pé d'água.

Nesse instante Rick começou a latir incessantemente. Depois de certo tempo uma voz ecoou do quintal:

— Já estou indo!

A porta se abriu e Ubirajara entrou.

— Nossa! Está com outra aparência, bem animado.

— Acho que foi a conversa que tive com Helena.

Ubirajara assobiou, baixinho, depois disse:

— Sabe de uma coisa? Conheci Luisa ontem. É uma garota sensacional, tem um rosto bonito, feliz.

— Aquela garota é enigmática — exclamou Rodrigo.

PAULO CAVALCANTE

— Você tem certa razão, mas ela foi muito divertida, ontem à noite.

Rodrigo ficou pensando quais eram as possibilidades de Luisa querer um romance heterossexual. Depois indagou:

— Como é que vai com você?

— Recebi uma proposta para lecionar numa escola pública, se não encontrar algo melhor, vou aceitar — respondeu Ubirajara.

— Então vamos ter um novo professor na escola? — disse Rodrigo, fazendo menção que também lecionava ali.

Na realidade, Rodrigo vivia de rendas... Possuía alguns imóveis em St. Louis que estavam alugados, senão jamais teria condição de viver ali no Facho Grande, elaborando um plano sonhador.

O café forte e o encontro com Helena na noite que se passou estavam fazendo efeito. Ele estava mais radiante.

— De qualquer forma — Rodrigo disse — acho que antes de aceitar a proposta de lecionar, deveria tentar uma colocação na Extact Mine. Eles pagam bem. Espere aí! São onze horas, vamos almoçar juntos. Depois vou lhe falar da empresa.

Assim Rodrigo contou sobre a mineradora.

— A cidade do Facho Grande vive em função da Extact Mine — explicou Rodrigo, enquanto pensava em alguém conhecido no setor administrativo para apresentá-lo a Ubirajara.

Era a terceira em produção de um grupo de cinco mineradoras espalhadas pelo planeta, a mais retirada, projetada para sugar todo o minério de ferro existente nas montanhas e arredores. Protegida por cercas de arame com farpas, a Extact Mine, mesmo com todo o aparato de vigilância, possuía alguns pontos vulneráveis.

A ESTATUETA DE OURO

— Uma vez fui até lá. Havia luzes por todos os lados. Mas sempre sobra uma parte mais sombria. Dali deu pra ver a grandeza da área de operação.

Era uma extensa área, dividida em diversos planos: em algumas partes as máquinas circundavam as montanhas, retirando todo o minério; em outras, a extração era realizada em uma espécie de túnel. Enfim, não havia uma exploração uniforme ou sustentada.

— Nos últimos meses, a empresa fechou-se mais. Na região mais alta foi instalada uma torre, o que torna a área ao redor mais iluminada.

Na verdade, Rodrigo se referia às partes mais sombrias que foram interrompidas por raios de luzes que ricocheteavam no terreno.

— Há sempre algo pra se extrair! Muitas vezes ouvi esse comentário do presidente da mineradora. E esse é o pensamento de todos os diretores. Eles não se preocupam com a natureza. As técnicas se baseiam na exploração irracional e na degradação do meio ambiente; as máquinas, as mais modernas existentes no mercado.

Ubirajara gostou da idéia de conseguir uma vaga no setor administrativo da empresa, mas ficou espantado com a degradação provocada pela empresa.

— Você pode até residir lá — afirmou Rodrigo —, mais no fundo, a três mil metros da área de exploração, a Extact Mine se transforma numa cidade com ruas largas e fileiras de casas, prédios de apartamentos, banco, hospital, restaurante, cinema, tudo controlado nos mínimos detalhes.

Não se podia negar a influência da mineradora na cidade. A vida do povo havia mudado, a prosperidade era notada no número de homens e mulheres que abriam novos negócios e outros que se estabeleciam.

A conversa fluía e as horas foram passando, ali, na varanda que se abria para o vale, enchendo de luz o ambiente, sem nenhum anteparo. A brisa varria as folhas secas lá fora. A noite sonolenta já tomava conta de tudo quando Ubirajara se foi. Rodrigo só se deu conta do adiantado da hora quando Juca apareceu.

— Tenho que ir dormir — resmungou, exatamente na hora que Juca foi se aproximando.

Contudo Juca queria contar alguma novidade.

— Está mais do que na hora de dormir, Juca — bradou Rodrigo se espreguiçando.

— Espera, tenho uma coisa para te contar — sugeriu Juca.

— Meia-noite! — indignou-se Rodrigo.

O pior aconteceu quando Rodrigo foi adentrar a casa e tropeçou em Rick. Os dentes de Rodrigo bateram no chão e quebrou ao meio um canino.

— Rick! Você fica no meio da casa!

Ameaçado pelo dono, o pobre do animal saiu uivando.

Rodrigo virou-se para a rua e gritou:

— Juca! Juca! Ajude-me a procurar meu dente.

Abriu mais um pouco a porta, o pontinho branco brilhou no escuro. A raiva flamejou nos olhos de Rodrigo. Surpreendentemente o dente partiu-se ao meio, sem nenhum ferimento.

Na manhã seguinte, Rodrigo saiu apressadamente no chevrolet ao encontro de Ubirajara.

— É a melhor hora para se visitar a mineradora. Fica a 40 quilômetros daqui. Além do mais falei com Joseph que é um dos supervisores da área.

— Helena vai conosco — indagou Ubirajara.

A ESTATUETA DE OURO

— Não! Eu não conversei com ela sobre o assunto.

Rodrigo tinha dúvidas sobre a conduta dos mineradores.

— Aquele pessoal não pode ver uma mulher bonita. A coisa mais importante é a sua presença, afinal é você que vai procurar emprego.

— É verdade. Eu já passei por tantas entrevistas, mas sempre me parece como a primeira vez — Ubirajara disse, sorrindo.

— Então vamos, porque na volta irei até o sobradão ver Helena — Rodrigo exclamou.

Antigamente, havia vários caminhos que davam acesso às montanhas, mas a partir da instalação da mineradora, todos os caminhos foram fechados. Não dava para perceber nem um talvegue, somente o deserto imenso deserto, ao redor. E para se chegar à Extract Mine, eles construíram duas entradas de acessos: uma mais larga, alamedada de bambus, que era privativa da empresa; a outra, destinada aos visitantes, ia se estreitando até o ponto de se parar para medir a extensão do percurso restante, e assim definir a preferência de mão e contramão. Isso impacientava o visitante.

Ao chegar ao portão principal, o guarda quis identificação, e Rodrigo exclamou:

— Joseph está me aguardando.

— Deixe-o entrar — gritou o supervisor, saudando Rodrigo.

Logo na entrada, vários operários conversavam:

— Queria escavar a fundação do norte hoje.

— Mas você ainda é novato aqui. Não pode determinar coisa alguma.

— Puxa! Isso é um absurdo!

Um homem com um traje diferente se aproximou dos operários e ordenou:

— Tire dois homens da montanha, Vítor. Um pode operar a escavadeira livre no pátio. Se não for suficiente chame mais dois operadores de guindaste que estão livres na área 7.

Rodrigo observou que a área de operação estava bem movimentada. Entretanto ele apreciava mais os arredores, onde a luz batia na vegetação e depois vinha contracenando com outros materiais: granito, alumínio, ferro. Tudo recebia a mesma luz, só que era refletida de forma desigual.

— Eles estão devastando uma área de preservação ambiental. Algumas léguas abaixo — disse Rodrigo, enquanto apontava para o contraste entre a beleza da colina e a enorme área devastada em torno

A entrada da mineradora era projetada para capturar a visão imediata: havia jardim, havia painéis brancos, havia assentos, depois da cerca de espigos laminados. Uma estrutura perfeita para se passar a idéia de sobrevivência ao tempo. Mas uma empresa não deve pensar só nisso, se quiser consolidar a presença. Deve conviver seguramente com a natureza. A vida deve ser cativada pela vida, sempre.

SEIS



*Era quando luz um túnel, onde a parte superior
ficava coberta pelas copas de arbustos variados.*

— Que está tentando me dizer, Rodrigo?

— Helena, temos que conversar sobre a estatueta.

Sentada atrás de sua mesa na biblioteca, ela mostrou preocupação, enquanto olhava-o fixamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Só quero começar a agir. Você lembra que falei de Sebastiana, da Praia do Igarapé.

— Sim, lembro — ela respondeu, sacudindo a cabeça.

— Posso te dizer com toda convicção que Sebastiana também é descendente dos teremembeses.

— Como você sabe?

— Uma vez falei sobre a estatueta e ela disse que tinha algo para me contar.

— Alguma coisa importante?

— Sim, sobre o antigo caminho usado pelos índios para se chegar à Praia do Igarapé. Só ela sabe onde se localiza a entrada.

Os moradores do Facho Grande utilizavam o mar como via para a praia. Mas havia um caminho por terra completamente desconhecido.

PAULO CAVALCANTE

Assim Rodrigo tencionava fugir com a estatueta de São Francisco Xavier, a cavalo, por esse caminho antigo que era utilizado pelos teremembeses no século XVI. Só os índios tinham conhecimento dessa vereda. E essa informação foi sendo passada de geração em geração.

— Isso é uma coisa quase impossível — murmurou Helena, analisando quantas possibilidades teria o plano de dar certo, porque havia mais de trezentos anos que esse caminho não era utilizado. Ninguém ao menos se lembrava mais desse detalhe.

— Vai dar certo, Helena, é impossível alguém nos seguir pelo caminho dos teremembeses.

— Tudo bem. Mas o que posso fazer? — Helena indagou.

— Helena, tenho que ir à Praia do Igarapé conversar com Sebastiana. E quero que você viaje comigo.

— Quando?

— Vamos de barco, no domingo. Até já falei com Juca para alugar um.

Helena nem se deu o trabalho de responder, Rodrigo já havia pensado em tudo. Antes de concordar, entretanto, ela se mostrou preocupada,

— Rodrigo, você quer mesmo arriscar sua vida por uma coisa que aconteceu há mais de trezentos anos.

As preocupações dela faziam sentido. No século XVIII, Houve uma investida contra a Vila do Facho Grande para resgatar a estatueta de ouro. Apesar de toda a disposição para recuperar a estatueta, os índios foram vencidos um a um. Após isso, durante vários anos, o governo perseguiu todos os que se diziam descendentes dos teremembeses.

Ele olhou fixo para ela, uma expressão decidida no rosto, e justificou sua decisão. Uma que soava como um nó na garganta.

A ESTATUETA DE OURO

Rodrigo pegou uma cadeira diante dela e, continuando a fitá-la, disse:

— Nem sempre as coisas são justas. Este lugar, por exemplo — fez um gesto na direção da Praça de Xavier —, um dia, pertenceu aos teremebes: a estatueta de São Francisco, e tudo que existe nos arredores.

— Por que está dizendo isso? — indagou Helena, perplexa.

— Na realidade, a estatueta é minha! Por direito. Até agora não fiz nada, contudo a minha vida inteira quis este fractal sagrado do meu povo de volta. Tenho que recuperar o que foi roubado dos meus ancestrais e não quero deixar você de fora — disse Rodrigo, falando solenemente como se ela tivesse indagado sobre os acontecimentos.

Helena olhava-o atentamente, apesar de achar o plano de recuperar a estatueta maluco. Mas no fundo queria ajudá-lo naquela aventura. E Rodrigo continuou com a sua verdade.

— Contam que os teremebes eram hábeis nadadores. Contam que eles foram exterminados por que eram antropófagos e, como nadavam bem, cortavam as amarras dos navios e devoravam os tripulantes.

Em certo momento, as palavras dele soavam como um desabafo.

— Eu afirmo que eles desapareceram graças à ganância do invasor, assim como aconteceu com as outras civilizações que povoavam o continente americano antes das expedições espanholas e portuguesas.

Essas civilizações nativas eram formadas de guerreiros valorosos que não se deixavam escravizar. Acima de todos os valores sobrepunha a honra.

Não foi exatamente do jeito que Rodrigo imaginava. Com as pressões que as expedições de conquista foram

promovendo, afora a mortandade dos índios, somente restaram a algumas tribos viverem segundo a vontade dos invasores — os que se tornaram aliados dos brancos. Aos grupos revoltosos não havia outra opção a não ser se retirarem para lugares mais distantes da rota expansionista e lá permanecerem até serem novamente localizados e pressionados a se submeterem ou, do contrário, mortos e, dessa forma, sempre perdendo os territórios ou parte deles para os estrangeiros.

Entretanto, as palavras de Rodrigo ecoavam como a verdade plena. Helena concordava, sacudindo a cabeça. Depois desabafou também.

— Vergonhosa a atitude dos invasores. Os índios não faziam mal a ninguém.

Naquele momento, a perda subsistia a todas as outras coisas. A saga dos terembeses florescia como uma vitória. Uma vitória que passava a ser uma dádiva a todos que questionavam as agruras dos invasores. Rodrigo mal sabia se era o único descendente, ou, talvez, sabia exatamente. Ele tinha a sua própria convicção, como também tinha dúvida.

A viagem para a praia do Igarapé levou duas horas e meia.

Enquanto Juca segurava o mará, empurrando-o contra a rampa, os outros apreciavam a vista marinha, a embarcação era posta em movimento.

— Acho que a proa está escorregadia — Avisou Juca, cortando o silêncio enquanto passava algumas instruções a bordo.

Rodrigo viajava em pé sobre a capota do barco; Helena estava sentada mais a frente; e Juca tomava conta do comando da embarcação. O vento não estava forte. No porto, que ia

A ESTATUETA DE OURO

ficando para trás, os barcos pesqueiros descarregavam rápidos os caçoais repletos de peixes.

— Nunca vi o mar tão calmo. Parece uma grande piscina — disse Helena.

Todos ficaram quedos, por algum momento, apreciando a saída e a baía do Facho Grande. Nunca se sentiram tão à vontade. Para trás ficava toda a preocupação e o *stress* da cidade.

Apenas duas horas de viagem, via-se a praia. Parecia tão perto... Mas a travessia que se apresentava começava a vaguear e fazia a embarcação, por vezes, fazer ricochetes em cima das ondas: Helena tiritava de pavor, e Rodrigo, não querendo demonstrar medo, assobiava todas as vezes que isso acontecia.

— Calma pessoal! Essa marola é só neste trecho — avisou o timoneiro.

Com o motor estrugindo entre alternadas aceleradas o barco foi rompendo as vagas e atingindo a areia. Juca estendeu completamente o mará e foi posicionando a embarcação. Recuou um pouco, ergueu-se na ponta dos pés e lançou âncora — a corda desceu inopinadamente procurando o fundo do mar. Em seguida, concentrou as amarras até encontrar o equilíbrio.

— Chegamos! — gritou o timoneiro, erguendo os braços.

Na verdade era impossível chegar à areia sem tocar nas águas verde-claras da praia do Igarapé. Rodrigo carregou Helena nos braços até a praia, embora ela preferisse andar pela areia úmida.

— A manhã está irradiante — disse Rodrigo — que vista!

E era impressionante: um mundo de águas. As velas enfunadas sumiam nas vagas com os pescadores, num vai-e-vem rotineiro, sem a certeza do regresso.

PAULO CAVALCANTE

— Sabe de uma coisa, Helena! — exclamou Rodrigo — no meio dessa vegetação que Sebastiana mora, e você vai conhecê-la hoje. Ela nunca deixou a Praia do Igarapé.

Rodrigo apontou na direção exata onde se localizava a casa

Os frutos de muricis e guajurus apareciam em determinados pontos, forçando uma parada para apreciá-los e em outras partes, a vegetação mais baixa e repleta de espinho obrigava a uma engatinhada.

Era um caminho espetacular como se houvesse uma passagem mágica. Uma trilha secreta que se iniciava por debaixo das rosáceas, e quando luz um túnel, onde a parte superior se apresentava coberta pelas copas de arbustos variados, entrelaçadas, formando um longo teto verde, que embora natural, dava a idéia que mais adiante existiria alguma construção moderna. Contudo, o que vinha era mais natural ainda. Tudo isso tornava o local ainda mais misterioso.

— É mesmo impressionante? — afirmou Helena.

O mato parecia fechar-se por trás deles.

— Mais devagar, por favor — insistiu Helena.

O caminho estava denso e não dava para caminhar lado a lado como ela queria. Só depois de três horas de caminhada, o sítio apareceu encravado no meio de um bosque.

— Onde é a casa? — indagou Helena.

Era mesmo impossível ver a casa, pois havia um cercado feito de plantas unidas e depois um laranjal florido.

SETE



Ela vivia completamente só; entretanto, a vida de Sebastiana era mais dinâmica do que se previa.

Não foi necessário bater palmas: os cães que faziam a guarda da casa latiam, incessantemente, amedrontando os visitantes. Ao longe se ouvia estros indígenas:

*Esta terra tem a nossa força,
Que vem de dentro da floresta,
Onde moram os animais selvagens.
Um dia o invasor nos expulsou da nossa terra
Que nosso deus nos deu.
Esse céu azul é do nosso povo.*

Era Sebastiana, uma mulher que aparentava uns quarenta anos, morena, cabelos negros longos, corpo esbelto, com a saia suspensa acima do joelho e o rosto suado.

Logo os latidos foram interrompidos:

— O que está acontecendo?

— Somos nós, Sebastiana — disse Rodrigo.

— O que o senhor quer? — ela perguntou, espantada.

— Viemos fazer uma visita na Praia do Igarapé — respondeu ele, com um sorriso sutil nos lábios.

PAULO CAVALCANTE

— É que visitas não são comuns nesta casa, Sr. Rodrigo. Além disso, vejo que trouxe uma amiga — disse Sebastiana, referindo-se a Helena.

Ela estava acostumada com a solidão e se alarmou com a presença deles. Em outras ocasiões, fazia questão de não receber visitas, contudo via em Rodrigo um coirmão.

— Talvez eu possa voltar em outra hora — disse Rodrigo, tentando amenizar a visita repentina.

— Faça como quiser — disse ela, virando as costas, deixando-o sozinho na porta da casa.

Ele ficou na entrada. Em seguida, voltou-se para Helena e disse:

— Ela é assim mesmo: primeiro diz não, para depois dizer sim.

O tempo estava frio. Os ventos fortes faziam as dunas ao longe espalharem areia pela vegetação. Helena ficou observando a residência de Sebastiana. A casa de taipa, uma construção simples, no pátio exibia — ornamentado com pedras retangulares — um jardim. Ali existiam flores brancas e azuis. Havia nas paredes flores de verdade, que se estendiam do jardim e de todos os ângulos. Atrás da casa, havia um tapiri de toras de madeira, que mais parecia uma oca.

Sebastiana retornou com outro semblante.

— Vou preparar um café — disse, rumando para a cozinha.

— Por favor, senhora, não precisa se preocupar — disse Helena, já acomodada numa cadeira.

— Não fique preocupada, minha filha, você está em casa — Sebastiana exclamou.

Ela abriu a cancela e apanhou uma massa que secava na peneira. Em seguida preparou o beiju. Finalmente o aroma do café se espalhou pela casa. Era uma senhora de modos

A ESTATUETA DE OURO

delicados, apesar do aspecto rude. O seu rosto brilhava perto do fogo.

A mesa estava posta para o café. Rodrigo em um mocho procurava esticar a conversa.

— Eu vim para saber sobre os teremebeses!

— Sei pouca coisa — ela retrucou.

Alguns minutos depois, Rodrigo olhava-a como se manifestasse um desejo irrefreável. Ela tinha a roupa desalinhada e colada ao corpo; os modos e linguagem simples: tudo era encantador. Ele não imaginava, mas Helena não demonstrava gosto naqueles olhares.

— O que está acontecendo — pensou Helena

Havia vozes vindas da cozinha e Helena indagou:

— Ela não mora sozinha?

— Sim, mas tem mania de falar consigo mesmo — sussurrou Rodrigo.

— Isso é natural. Às vezes falo desse jeito quando estou nervosa — Helena disse, devagar.

Com o cigarro na mão, Sebastiana voltou da cozinha e foi logo rompendo o silêncio.

— O meu pai sabia todos os segredos das plantas. Por algum tempo, a única coisa com que se importou foi a cura.

— Ele era curandeiro? — quis saber Rodrigo.

— Sim, e dos bons. Ele me ensinou que neste quintal tem a cura para todos os males. Fiz tudo que ele me ensinou, cultivei as ervas e aprendi os cantos, mas...

— Mas o quê, Sebastiana? — ele ponderou.

Ela parou de falar, franziu o olhar e pareceu distante.

Ele sentiu que Sebastiana não se referia só às ervas dispostas nos canteiros.

Logo ela continuou:

— Falta algo?

PAULO CAVALCANTE

— A estatueta de São Francisco Xavier?
— Como sabe disso?
— Somos de uma mesma tribo, Sebastiana!
— Eu tenho uma história dura para contar. Não é fácil viver assim. Sinto falta dos objetos do meu povo.

Rodrigo ouvia atento. O olhar dela parecia desafiá-lo. Era guardiã de vários segredos dos teremembeses. E assim começou um desabafo:

— Eu vivo apenas parcialmente. Isolei-me aqui no Igarapé para cultivar os hábitos de minha gente. Estou sozinha, continuando nossos costumes, passados de geração em geração, no mais absoluto segredo como se tivéssemos condenados ao extermínio. A estatueta de São Francisco Xavier sempre fez falta.

Rodrigo insistiu:

— O que sabe sobre a estatueta de São Francisco?
— Aquela estatueta nos pertence. Ela nos foi roubada — afirmou Sebastiana.

Ele fitou-a, aturdido. Era o mesmo modo com que tratava a questão. Os teremembeses tinham se acostumado a cultuar São Francisco Xavier do Facho Grande. Uma ausência para vingar, que foi passada de um guerreiro para o outro. A sede de vingança retornou ao Facho Grande, na Praia do Igarapé, no sobosque de Sebastiana.

Agora era a hora de libertar uma história escondida na própria história. O desejo de resgatar a estatueta de São Francisco era pleno.

— Eu tenho um plano para resgatá-la — afirmou Rodrigo — preciso só que você me diga como está o antigo caminho que era usado pelos índios.

Sebastiana levou-o ao fundo do quintal da cabana.

A ESTATUETA DE OURO

— O caminho é este — Ela exclamou, apontando para a senda, enquanto Rodrigo observava a pulseira de contas no pulso dela.

Ele notou que o caminho estava restrito a um talvegue.

— Faz tempo que não é usado?

— Sim. Exatos trezentos anos.

— E o começo do caminho, no Facho Grande?

— Fica depois da mineradora, numa colina, está oculto pelo cerrado. Mas serve para uma fuga do jeito que você pretende.

Sebastiana contou todos os segredos que sabia. Ela se orgulhava do que era. Assim queria participar da reação. Muitas coisas que ele não sabia, agora estavam reveladas.

Na verdade foram vários fatos marcantes. Mas nada tão impactante quanto o genocídio de 1.679. A história nunca foi relatada como realmente aconteceu. Os próprios historiadores não estavam preparados para analisar além do fato: suas bases estavam fincadas no poder imperialista que ignorava o direito do nativo sobreviver.

De repente Rodrigo ficou com um sentimento estranho só de pensar no trágico desaparecimento da tribo, mas entendeu que não era importante ter uns e outros pensamentos funestos. Era necessária a dissimulação do seu plano. A lembrança desses fatos ocorridos numa outra época fazia-o lembrar coisas ruins e os sentimentos se desenvolviam muito rápidos, e fortes, e ao mesmo tempo, que não conseguia mais viver sem a história esquecida dentro da história.

Em seguida, Sebastiana solidarizou-se com o guerreiro tremembé.

— Se eu tivesse um plano assim, já teria recuperado o nosso protetor.

PAULO CAVALCANTE

Rodrigo ficou observando, fascinado, a disposição estampada no rosto dela. Mais uma vez compreendia a capacidade de renascimento da tribo. A Fênix exteriorizada. Depois quis saber mais sobre a irmã tremembé.

— Você tem irmãos, Sebastiana.

— Tive um irmão.

— O que aconteceu?

— Morreu, enfrentando esse mar.

— Como?

— Ele queria chegar às Guianas numa jangada. Era destemido assim como você.

Um silêncio prolongado ganhou emoção no rosto dela.

Rodrigo sentia a impressão de que os seus antepassados abençoaram aquele lugar. Ali seria erguida uma nova Nação Tremembé. Forçava sua mente querendo antecipar como seria uma nova prole de seu povo. Esperava por aquela vida ao ar livre, como quem se mantinha no anonimato ou, talvez, num exército solitário.

— Aqui é o lugar certo para incoar um novo território para o nosso povo — exclamou Rodrigo, descrevendo o significado do resgate da memória dos teremembeses.

— Faço muito gosto e estou esperando vocês e a estatueta de braços abertos — Sebastiana disse, com lágrimas nos olhos.

E não havia outro jeito de encontrar a história. A paisagem, ao mesmo tempo perturbadora e misteriosa, era tão significativa quanto a estatueta: uma região onde os teremembeses tiveram, por longos anos, pleno domínio.

A hora de deixar a praia se aproximava, mas Rodrigo parecia não querer partir.

— Eu não sei se devo ir agora ou adiar a viagem — disse ele, na hora que Juca lhe veio avisar a maré alta.

A ESTATUETA DE OURO

— Vocês que sabem. Se quiserem, podem ficar por aqui esta noite — aconselhou Sebastiana.

— Vamos logo, Rodrigo, está na hora! — Juca estava inquieto.

— Sente-se aí — disse Rodrigo — e fique calmo.

OITO



Ela queria, ao mesmo tempo não queria.

Dois dias depois, Helena visitava o Vale dos Teremembeses.

Do oeste, torres de fumaças ameaçavam o Facho Grande; Abaixo, a vista principal era o talvegue que cortava o vale. De pé na varanda, ela escutava Rodrigo, atentamente.

Ele falava sobre a Praia do Igarapé.

— Ali é o local ideal para nós morarmos.

— Na casa de Sebastiana? — ela indagou.

— É um lugar maravilhoso — respondeu Rodrigo.

Helena ainda estava de pé olhando para o quintal.

Rodrigo estava feliz e demonstrava segurança no que dizia.

— Alguém tem que fazer justiça aos teremembeses. E só existem dois descendentes dos teremembeses: eu e Sebastiana — afirmou Rodrigo.

Subitamente, pela primeira vez, Rodrigo falava da infância:

— Quando eu tinha quinze anos, Tia Carolina contou-me toda a história. Era a minha própria vida. Os meus pais morreram num acidente, e Ana Carolina, a irmã de minha mãe, ficara responsável por mim.

A ESTATUETA DE OURO

Helena podia sentir o olhar intenso dele. Ele jamais desistiria de levantar uma nova tribo tremembé.

— O que se passou exatamente naquele dia fatídico no Facho Grande? — Rodrigo dirigiu uma pergunta sem resposta.

Mas havia uma verdade: Ainda que o resto do continente austral tivesse sofrido também a perda dos seus nativos, era possível precisar uma coisa: os conquistadores queriam a posse das terras e no Facho Grande não fora diferente: milhares de índios foram assassinados covardemente, e a tribo desapareceu.

O que se passou nesses trezentos anos com os remanescentes dos terembeses? Rodrigo investigara, mas não era de confidenciar coisa alguma. Ninguém sabia. Foi assim que descobriu Sebastiana na Praia do Igarapé.

— Posso lhe descrever tudo que veio acontecendo com os índios que escaparam.

— Isso também é verdade? — ela indagou, perplexa.

— Claro. Não fiz outra coisa esse tempo todo.

— Você tem irmãos, Rodrigo?

— Uma irmã.

— Onde ela está?

— Mora com outra tia no Rio. Mas ela não sabe dessa história.

— Por que não contou?

— Quis poupá-la.

— Mas isso não é certo!

— Ela está muito bem assim.

— E quem era o seu pai?

— Era um médico e também historiador. Grande parte das coisas que sei sobre os meus ancestrais veio dele.

Era exatamente isso. Ele absorveu uma vasta informação sobre a colonização. Havia coisas inéditas que só poderiam ser obtidas por um historiador.

PAULO CAVALCANTE

— O que você vai fazer agora que Sebastiana já aceitou o plano?

— Vou pegar a estatueta de São Francisco e fugir pelo antigo caminho dos teremebes.

— Pense bem, Rodrigo — exclamou Helena.

Ele fez um silêncio, observando-a, enquanto deslizava as mãos nos seus cabelos dourados. Depois se inclinou e beijou-a no rosto. Ela se afastou um pouco, mas ele ultrapassou uma espécie de barreira. Beijou-a na boca.

Helena foi se deixando seduzir pelos desejos e começou a saborear cada gesto, cada detalhe.

— Não!

Um silêncio.

— Não posso!

Um silêncio mais prolongado ainda. Helena queria, ao mesmo tempo não queria. A voz dela se abafara num sussurro. Ela ia continuar a dizer não, não fosse o beijo, novamente.

Duas horas depois ele levantava a vista acima da varanda. E ficou pensando em tudo que contara a Helena.

— A história faz o que pode; a verdade vai além — resmungou.

Rodrigo sabia que não teria graça na história, se os fatos ficassem escondidos. Mas nem sempre era exatamente isso: o vazio não trazia um consolo ou uma resposta e ele ainda estava atormentado pelos deslizes da vida. Era como se o passado e o presente desafiassem a sua alma, mas, talvez, sob outro prisma, havia muitos sentimentos represados.

Às vezes, preferia os sonhos metafóricos, como a estatueta de ouro; outras, os sonhos concretos, como Helena.

— O que foi que aconteceu — resmungou Rodrigo ao acordar.

A ESTATUETA DE OURO

Helena estava andando pelo quarto, afastando a cortina, depois o cheiro de café, Rick latindo...

— Que horas são?

— Nove horas!

Ele lembrou dos beijos, dos sussurros e da noite inteira. Era a primeira vez que Helena dormira no Vale dos Teremembeses. Não era um sonho.

— Dormi demais — Rodrigo exclamou, abrindo a boca.

— E eu... Que vou dizer para tia Lúcia? — ela disse, preocupada.

— Diz a verdade!

— Funciona?

— Claro.

Helena lembrou-se das palavras de Dona Lúcia:

— Peço-lhe que esteja aqui antes do anoitecer!

Agora era tarde, estava consumado o namoro.

— Você quer café?

Rodrigo sacudiu a cabeça, respondendo como sinal de afirmação.

— Pão ou torrada?

— Pão.

— Suco de laranja?

— Boa idéia.

Rodrigo, por quase quinze anos, sonhara com aquela vida. Alguns até chamavam-no de padre. Ele sabia o que queria, todavia.

Um dos seus desejos era fazê-la participar do dia-a-dia no Vale dos Teremembeses. Naquele dia, queria levá-la a área mais desafiadora do território tremembé.

Ali no vale nada tão impressionantes quanto a serra. Mesmo inerte, íngreme, ela parecia se mover na direção do desconhecido. A cada ângulo se desenhava um novo formato.

PAULO CAVALCANTE

Longe de erosão ou qualquer abalo geológico, milhares de anos da mesma forma, mantinha-se a paisagem, escarpada, baseada na vegetação centenária do tempo dos teremembeses: as árvores estavam por toda parte, firmando o solo.

Rodrigo havia amarrado cordas por toda a extensão. Isso facilitava o apoio na escalada a serra, de tal modo que, por vezes, dava para tocar as copas das árvores.

Helena não quis se arriscar na escalada, contudo. Ela se manteve a apreciar o contraste da paisagem.

NOVE



*Não sabia onde o carneirinho havia caído
e ficou constrangida por não poder ajudá-lo.*

O esforço pessoal de Ubirajara era evidente. Não conseguiu emprego na mineradora, mas estava fazendo o que mais gostava: lecionando numa escola pública. Sonhava com o dia que aquela juventude teria voz e vez.

— Só então essa maldita ditadura desaparecerá! — murmurou.

Logo no início tudo parecia bem. Depois a direção da escola negou-lhe apoio para implantar algumas inovações na sua área.

— E não esqueça: nada de revolução por aqui! — exclamou a diretora, advertindo-o.

Há uma terrível inquietação que vem de se olhar o caos e não poder fazer nada. Ubirajara estava experimentando essa sensação. Parecia que a cidade estava hipnotizada. Mas ele não se deixaria atrair pela hipnose.

— Eles não vão me intimidar com essas ameaças — retrucou.

Mas já não havia ninguém na sala de aula. O horário tinha encerrado.

PAULO CAVALCANTE

Um sentimento misterioso determinava o seu pensamento e não aceitava a passividade, embora houvesse uma concordância de muitos com aquela situação.

Vinte minutos depois, ele estava no sobradão e desabafava com Helena e Rodrigo.

— Acho que a diretora está querendo a minha demissão — ele disse, com um olhar triste.

Helena sentou do lado e perguntou, devagar:

— O que houve?

— Ali impera um sistema arcaico, onde o aluno não pode opinar sobre nada. Estou querendo ajudar e a diretora me chama de subversivo. Pode isso? - disse Ubirajara, sacudindo a cabeça.

Subitamente, deu-se conta da gravidade da ditadura. Havia regulamentos que precisariam ser quebrados, e ficou pensando num modo de reagir.

— Tenha calma. As coisas vão se resolver. Você vai ver.

As palavras de Helena eram de conforto. Entretanto, a disposição do professor de levar a revolta em frente soava firme.

As preocupações estavam apenas começando: muitas coisas ainda iam acontecer nas próximas 24 horas.

Três horas depois, quase meia-noite, cidade era um silêncio só. Rodrigo não se conteve: tentaria apanhar a estatueta. Não podia ficar sonhando só sonhando: o perfil de Dom Quixote não lhe caía bem e nem poderia contar a sua própria história: ela já escrita desde 1.679.

— A hora é agora — ele murmurou consigo.

Sem sono, rumou para a Praça de Xavier e logo se aproximou da estatueta. Ele tinha a sua frente cinco degraus

A ESTATUETA DE OURO

até alcançar o santuário. Nem um barulho sequer. De repente veio um som estridente, uma espécie de assobio, como se um apito tivesse sido atrelado por alguém. Rodrigo pensou nos guardas. Antes de virar-se, para aumentar a visão, percebeu que não havia movimento nenhum na cabine de segurança. A estatueta de ouro estava completamente ao seu alcance, não fosse o anteparo vítreo. Não dava para apanhá-la sem quebrar o vidro. Ele ficou olhando fixamente para o semblante de São Francisco Xavier. Era tudo o que podia fazer no momento. Olhou para todos os lados e não havia mesmo ninguém.

— Somos os únicos restantes — murmurou novamente, parecendo conversar com a estatueta.

Depois de alguns segundos sem falar nada, fingindo rezar, ouviu passos. Um dos guardas berrou:

— Quem está aí?

O coração de Rodrigo acelerou, mas ele permanecia calado.

— Quem é você? O que significa isso? — perguntou o guarda.

Rodrigo tentava passar uma tranqüilidade que não havia.

— Estamos apontando pra você, cidadão! Não vai se identificar? — gritou o guarda.

— Quer dizer que vão atirar num homem que está somente rezando — Rodrigo respondeu, finalmente.

A situação não era para ironia, Rodrigo percebeu quando ouviu um tiro. O guarda atirou para cima, depois disse:

— Vá saindo, devagar!

Quatro horas mais tarde, no sobradão, Helena despertou atordoada. Um sonho estranho. Sonhou que estava sozinha, mirando o céu, de repente surgiu deslizando abaixo das nuvens um carneirinho todo feito de corda de lã, branquinho. O percurso que ele fazia delimitava-se pelo círculo do

PAULO CAVALCANTE

firmamento. Uma coisa extraordinária. Depois algo estranho aconteceu: o carneirinho foi perdendo força em sua cavalgada pelo céu. A queda era inevitável e toda aquela beleza foi-se esvaecendo, como se um sonho também estivesse caindo. Ela, no sonho, ficou preocupada. Não sabia onde o carneirinho havia caído e ficou constrangida por não poder ajudá-lo. Ainda soluçando, aos poucos, foi descobrindo que era somente um sonho e agradeceu por isso. Mesmo assim, ficou bastante impressionada. Foi necessária uma hora para o sono ser refeito.

Exatamente, doze horas depois, na biblioteca do sobradão. Helena respirou fundo.

— Mas como pode fazer uma coisa dessas, Rodrigo? Não sabe que ali é cercado de guardas?

— Está certo! Agirei com mais cuidado!

— Como foi?

— Eu estava só rezando.

— Meia-noite?

— Sim!

— Seja como for, tem que tomar mais cuidado.

— Eu sei!

— Você não falou que ia diretamente para ao Vale?

— Mas passei antes na praça, estava tudo deserto.

— Deserto?

— Até surgir aquele tiro.

— Ele quase o matou!

— Assim mesmo não desistirei!

— É melhor pensar bem.

— Vou estudar melhor a idéia.

— Você almoça comigo?

— Acho melhor ir para casa.

— Só hoje?

A ESTATUETA DE OURO

— Tem razão.

Mais uma vez ela estava certa: ele não podia ficar brincando de apanhar a estatueta.

— Nada mais bem guardado neste lugar — ele murmurou.

Ao chegar ao Vale dos Teremembeses, ele ficou pensando no que tinha feito e mais uma vez Helena tinha razão. Ela se tornara parte de sua vida como nunca esperara. Quando acordava pela manhã, rumava para o sobradão. Liam vários livros na biblioteca e almoçavam juntos. Muitas vezes, conversavam sobre os teremembeses; outras, ele se atirava nas pesquisas, tentando encontrar alguma informação sobre os seus ancestrais. Era inútil aquela busca, porque tudo que encontrava, já sabia de cor. Helena fica observando, e os seus olhos verdes já sabiam o que ele procurava. E a obstinação dele só parava quando despertava para os esplêndidos reflexos produzidos pela luz da manhã que se cristalizavam nos fios dourados do cabelo da amada. Mas se tornava cada vez mais difícil mantê-la fora daquela história tosca que ia se formando: a incessante procura pela estatueta de ouro.

Uma vez foram observar a imagem de São Francisco Xavier.

— Oh! Que bela imagem! — ela exclamou, apreciando a figura do santo.

— Isso é resultado do trabalho artístico e da dedicação dos jesuítas — comentou Rodrigo, circunspecto.

Era exatamente isso: uma obra de arte modelada, com ouro da coroa portuguesa, no melhor do estilo barroco.

Helena ficou procurando normalizar o interesse dele pela imagem no exato momento que um dos guardas se aproximou a observá-la. Ela vestia uma calça de jeans e uma blusa sem alças. Rodrigo logo notou que o guarda observava

PAULO CAVALCANTE

fixamente na curvatura dos seios absolutamente firmes dela, incomodava-o o aspecto como a observava. Assim trataram de sair dali.

DEZ



*Juca saiu fazendo ricochetes, de cócoras,
que nem Chorão da banda Charlie Brown Jr.*

Alguns dias depois, sol forte de uma hora da tarde, Ubirajara vinha inclinando apressadamente os seus passos largos na ladeira que apontava no colégio, onde exercia a função de professor. Sabia o que queria.

— Fora essa ditadura! Fora esses milicos! — Gritava, proferindo palavras de ordem contra a diretora do colégio e contra os milicianos do poder.

De repente se viu cercado por um grupo de meninos decidido a incorporar-se na marcha. Os gritos dos meninos não tinham relação com o seu levante, contudo. Eram gritos anunciando um circo. E assim o que se seguiu foi uma gritaria infernal: o professor bradando contra a ditadura; os meninos respondendo como se acompanhassem um palhaço.

— Hoje tem espetáculo! Tem sim senhor!!!

Ali nascia uma revolução — sem armas e sem pompas — onde ninguém entendia nada. Somente o professor, solitário e corajoso, sabia o seu intento.

— Hoje tem espetáculo! Tem sim senhor!!!

PAULO CAVALCANTE

A gritaria chamava atenção, lá fora, o povo aparecia nas janelas procurando descobrir o motivo do alvoroço.

— Hoje tem espetáculo! Tem sim senhor!!!

Algumas pessoas se dirigiam para o colégio, como se adivinhassem que ali seria o palco de uma revolução.

— Hoje tem espetáculo! Tem sim senhor!!!

Autoposto no pátio da escola, o palanque de Ubirajara era uma cadeira velha. Ele prosseguiu no discurso, cada vez mais contundente, e o seu alvo era a agrura que administrava a cidade.

A multidão já acompanhava tudo, atônita. Apareceu subitamente um vigia da escola e empurrou a cadeira com tamanha força que derrubou Ubirajara. Juca olhou indignado: fazia ou não fazia nada. Assim chegou a vez de entrar na briga e um grito ecoou.

— Seu velho louco! — Juca gritou, arremessando o vigia contra a parede.

— Vou até minha casa apanhar o revólver — o vigia retrucou, levantando e saindo em disparada.

Nesse instante a sirene da polícia ecoou. E não tardou para a polícia, investida de poder, arrastar o menestrel pela calçada do colégio.

— Filho da puta! — as palavras saíram engasgadas da boca de Juca.

— Quem foi que gritou esse nome — indagou o policial.

Juca se escondeu na multidão que se aglomerava, fazendo ricochetes, de cócoras, que nem Chorão da banda Charlie Brow Jr.

Dona Lígia, recolhida num dos quartos do sobradão, com a porta aberta, recebia o vento que vinha do mar. Nem imaginava que estavam acontecendo todos esses problemas.

A ESTATUETA DE OURO

Os seus sonhos estavam concentrados na infância e adolescência.

A prisão de Ubirajara vinha na hora errada. Dez minutos depois, Dona Lígia ainda ressonava. E os seus olhos mantinham-se fechados. O barulho foi chegando ao sobradão e o sono dela dizia: — Dê-me uns dez minutos.

A conversa ia de quarto em quarto e todos foram se reunindo na varanda. Dona Lígia percebeu que estava acontecendo algo e foi ao encontro dos outros. Os seus olhos estavam trêmulos e a boca não parava fechada.

— Olha só... Prenderam-no — disse Helena, não conseguindo conter as lágrimas.

Dizer, no entanto, que prendiam não é verdadeiro. Tratavam os prisioneiros com socos, pontapés, chicotes e palmatórias. O castigo se estendia até não se ouvir mais um gemido.

— O que se fazer quando os poderosos subjagam os indefesos? Qual o crime que cometeu? — havia muitos questionamentos.

— Vou vingar tudo isso quando recuperar a estatueta — murmurou Rodrigo, lembrando o levante do amigo.

Quando Ubirajara já tinha sido libertado, aconteceu um fato inopinado.

O sino anuncia alguma coisa, rompendo o silêncio da Praça de Xavier. Ubirajara caminhou até a igreja. Havia um resto de sol crepuscular que refletia nos corpos das pessoas.

— Hoje resolvo a minha vida — murmurou ele, carregando consigo a coragem assustadora de cometer o suicídio e um corote com gasolina.

Veio a sua cabeça uma lembrança: certa vez tentara fazer isso no apartamento, usando um círculo de fogo feito com

bolinhas de papel — a fumaça o denunciara. Um inesperado calafrio percorreu sua espinha e os pêlos se empinaram pelo corpo. Era um incendiário. Ele sabia.

O santuário de Xavier, envidraçado, estava, também, iluminado pela luz sutil da praça. Não que Ubirajara tivesse reparado nisso, estava envolvido com sua decisão peculiar. Depois que a decisão parecia tomada, ficou indeciso durante algum tempo. O coração batia forte, ficou triste por alguns momentos, mas depois se cativou pelos últimos acontecimentos.

— Essa é minha hora. As coisas sempre dão certo no final — ele murmurou, reafirmando a sua decisão.

Por um instante a morte e a vida coexistiam no seu pensamento. Ele levantou a vista, podia ver a igreja iluminada, a estatueta de São Francisco Xavier no meio da praça, ou até as águas violentas do Atlântico. Mas a inquietação crescente não o deixou escolha: restava somente a negra vontade.

Em seguida, ergueu o corote a altura da cabeça, deu uma chuva de gasolina no próprio corpo, depois ateou fogo. O clarão intenso circundou o seu corpo, abruptamente. Ele não demonstrava nenhuma angústia ou desespero naquela cena singular. A supremacia da alma sobre a carne estava, ali, exteriorizada.

As pessoas foram se aproximando com olhares e lamentos: o susto ainda existia. Rodrigo chegou logo e foi tentando compreender o que acontecera. Ficou confuso: entendia, mas não entendia.

— Ele tinha tudo para não fazer isso! — exclamou Rodrigo, imaginando as alternativas que ele teria para não se suicidar.

Em seguida procurou recordar fatos anteriores, tentando encontrar algum fundamento: se não havia, se havia, talvez

A ESTATUETA DE OURO

devesse recordá-lo para entender melhor. No fim ficou com tantas dúvidas que, em determinado ponto, concordou: o sofrimento era muito e isso teve mais sentido. Quedou-se para não ceder ao pânico, pois tinha que dar a notícia a Helena. Ela ficaria muito triste... E não há tristeza maior que dar a notícia de um suicídio.

Enquanto ia caminhando, Rodrigo decidiu por realizar logo o plano de retomar a estatueta de ouro.

— É hora de agir. Vou recuperar o santo protetor dos teremembeses — murmurou.

ONZE



*O sentimento não eterniza um pensamento
de quem trabalha o seu poema para o pão.*

Helena não se conteve e, chorando, rumou para o quarto de Ubirajara. Em cima da cama havia várias poesias escritas por ele.

Ela ficou dez minutos lendo as poesias que encontrou, mas uma lhe chamou mais atenção: refletia a luta do poeta, sobretudo.

AS PALAVRAS OCULTAS

*O sentimento não eterniza um pensamento
de quem trabalha o seu poema para o pão.*

*E vou criando o que sinto sem pensar:
selva selvagem de palavras e muita dor
à semelhança um parto três vezes repetido.*

*E canto aves no dorso dos cavalos,
eterno boi de mugidos prolongados,
semente rebentando em chão escuro
— paisagem e verduras nas manhãs*

A ESTATUETA DE OURO

*Arre! Para as palavras me sinto cansado
e tenho náuseas de terríveis presentimentos.*

*A tarde de um poema se faz longa
como os louros cabelos da infância
que as madrugadas acariciam
sem contudo revelar seu destino.*

Helena lembrou que ele tinha o costume de fazer poesias dedicadas aos amigos. Às vezes passava horas apreciando o Atlântico a sumir de vista, buscando inspiração. Era exatamente um grande poeta.

Depois se concentrou num poema mais descritivo que falava da paisagem marinha. Um auto-retrato da vista, apreciada dali do sobradão.

PAISAGEM MARINHA

*Que lindas cores de algas cristalinas
se afundando nestas águas mais escuras.
O esperado encontro da noite com o dia,*

*O azul no linho da aurora
e o brilho dos búzios
sobre crespas pedras.*

*Nuvens que me afrontam
com as suas vertigens das alturas;
revoada de fina chuva no meu rosto,
após o mergulho em líquidas rochas.*

PAULO CAVALCANTE

*Assim conservo a aliança
do meu primeiro espanto
com o verde quase verde dos frutos
sobre o calafrio das areias*

*Conchas nas mãos (as pedras mais brilhantes)
e o dia qual um girassol
se escondendo
por trás da cortina do passado.*

Todas as poesias refletiam sua vida. Os últimos momentos foram tristes. Um fim trágico. Mas a sua luta continuaria, pois os poetas não morrem, e cada verso era uma ponte para outro verso; a luta uma ponte para outra luta. Parecia que estava ali ditando aquelas palavras para uma nova geração.

Uma porta-janela do sobradão e as poesias de Ubirajara ecoavam na voz soluçada da mais nova guerreira tremembé. O final havia chegado mais a história continuava e Ubirajara era parte dessa história. Uma imagem dentro de um jogo de imagens que refletia todo o seu talento e dedicação.

JOGO DE IMAGENS

*Todos os poetas chegam ao seu final
como as árvores solitárias:
batidos pelo encantamento das tempestades.
Assim os dias vão sorvendo a beleza
e toda a inquietude dos seus olhos negros.*

A ESTATUETA DE OURO

*E vai o tempo escorrendo pelos cabelos
o seu leite de um futuro intranquilo,
lento como um florescer de ervas nos telhados
coloridos dos nossos pesadelos.*

*Morem os poetas como peixes em mar profundo,
solitários em seus abismos de sonhos,*

*cultivando a harmonia dos seus intentos.
E é triste a transparência do seu sorriso
quando a existência se ilumina num soluço.*

DOZE



Ela apertou o corpo de Rodrigo até alcançar a crina do baio, à altura do peito, depois bateu em retirada.

De repente um homem mascarado rompe a madrugada fria, puxando pela corda um cavalo baio. Ao seu lado, um vulto feminino procura a sombra da Igreja de Xavier. E ali, o cavalo e a mulher são acomodados.

— Silêncio — murmurou Rodrigo, deixando Helena no ponto certo para a fuga.

Ele prosseguiu rastejando pela grama da praça. Antes de qualquer coisa, tinha que fazer silêncio. Observou entre as árvores e não havia nenhuma sombra que se movesse.

— Ainda bem que não há movimentos de guardas — disse consigo.

A vigília chegara ao fim: a hora mais leve havia terminado e era o início da etapa mais perigosa. A ação tinha que ser mais intensa. Foi bem nessa hora que o vento frio fez os pêlos do seu corpo eriçarem.

— Droga esse vento gelado pode fazer o cavalo se assustar — pensou, virando o olhar na direção da igreja.

Sentiu certo temor, ainda que não estivesse propenso a desistir. Isso era a última coisa que passaria pela sua cabeça.

A ESTATUETA DE OURO

Olhando para trás, mediu a extensão da carreira. Mas o momento era outro.

Era o momento de se erguer para tentar mover o anteparo vítreo que protegia a estatueta de São Francisco Xavier. Levantou-se vagorosamente e observou que um cadeado fixado a uma corrente de aço prendia a porta de vidro. Inevitável era o alarde que causaria com a destruição do cadeado. De repente veio uma idéia: tentaria abri-lo de maneira cirúrgica. Enfiou um grampo no cadeado, mexeu e remexeu... Essa lhe parecia a melhor maneira, tinha toda certeza. Não conseguiu abrir. Ainda não.

Helena no canto sombrio da igreja via tudo claramente e esperava por ele, ansiosa.

De súbito, veio-lhe a idéia de quebrar a porta de vidro e assim fez. Não deu pra evitar o impacto da pedra no vidro. Da sentinela veio o alarme. Segurou firme a estatueta de São Francisco Xavier e Jogou para o lado a máscara preta que trazia – era hora de dar no pé. A fuga consistia numa rápida carreira até o cavalo, onde Helena o esperava.

No outro lado da praça, o guarda acionava, com um apito, outros vigilantes. De certo modo, nos primeiros momentos, Rodrigo saíra vitorioso.

Segurando firme a rédea, Rodrigo gritou:

— Helena! Suba!

Agarrou a mão de Helena, e quando sentiu o repuxo para baixo, forçou para cima.

— Segure firme na minha cintura — exclamou Rodrigo.

Helena abraçando-o forte gritou.

— Vamos! Eles estão vindo!

O cavalo parecia voar ladeira acima. O animal já estava sem fôlego de tanto esforço na subida. O caminho foi ficando

PAULO CAVALCANTE

estreito, estava lá em um momento e no outro havia desaparecido.

Rodrigo pendeu para a esquerda, obrigando o cavalo a galopar no terreno mais inclinado, rompendo a vegetação mais densa. As pedras menores voavam ricocheteadas para os lados.

Subitamente surgiu um tiro. Helena virou-se e olhou, era o guarda que vinha num cavalo, atrás. Ela preferia ter visto uma imagem evanescente, entretanto era real: os guardas vinham no encalço do casal.

Helena gritou:

— Rodrigo! Eles estão se aproximando.

Rodrigo fechou os olhos e meteu o cavalo na vegetação ainda mais fechada. Quando abriu os olhos, à sua frente, surgiu um tronco atravessado. Preparou-se para o impacto, surpreendentemente, o animal saltou. O impulso foi determinante.

— Meus Deus! Eles não desistiram — exclamou ela, impaciente.

Em seguida outro tiro, Rodrigo tombou para trás. A bravura de Helena foi capital, contudo. Ela balançou o corpo para um lado e outro, deu meia volta com o cavalo, apertou o corpo de Rodrigo até alcançar a crina do baio, à altura do peito, e bateu em retirada.

Rick avançou nos guardas e isso foi importante para a fuga de Helena.

— Ele tinha razão — murmurou — o caminho existia.

Ela tinha encontrado o caminho da mesma forma que Sebastiana ensinara. Agora só faltava encontrar Rick.

— Rick! Rick! — Helena gritava, insistentemente.

Ela percebeu que aquela era outra perda naquele dia.

A ESTATUETA DE OURO

Pouco a pouco a vereda foi se estreitando até o ponto que atingiu o areial da Praia do Igarapé. Uma hora depois, observou o fumo que estava se espalhando e procurou identificar a fonte.

— É o sinal! — gritou, avançando na direção da fumaça.

Era o sinal que Sebastiana ficara de enviar. Tudo estava se definindo, mesmo com a morte de Rodrigo.

Mais uma hora e Helena consumia as últimas forças para chegar à Praia do Igarapé.

— *Viver não é preciso.* Essa frase não saía da sua cabeça.

Helena, mesmo sem ter o sangue dos teremebes, mostrava ser a maior guerreira tremembé dessa nova prole. Havia o desconhecido com a morte de Rodrigo, mas ela tinha Sebastiana no primeiro momento. Isso a ajudava muito.

— Agora mais do que nunca temos um motivo para reerguer a aldeia — exclamou Helena, enquanto passava as mãos na barriga: era o que lhe restara do amor que partiu.

Às vezes parecia que, se esticasse a mão, o encontraria. Ficou ali quase toda a noite, na frente da cabana de Sebastiana, sempre segurando a estatueta de São Francisco Xavier, moldada em ouro maciço. Era uma conquista, ainda que trágica, era uma conquista.

Sebastiana aproximou-se mais e resmungou:

— O imprevisível sempre acontece primeiro, para que depois se viva uma história.

E assim estava presente novamente a tragédia na saga dos teremebes. Havia uma nova terra, mas havia um futuro incerto. Agora, sem dúvida, Helena tinha que cuidar do fruto descendente da solitária caminhada dos teremebes para o novo século. Ela olhou para a barriga novamente e sentiu as pontadas do bebê no ventre.

PAULO CAVALCANTE

Sebastiana acabava de acender a fogueira, mas o cheiro da vegetação era mais forte. Nunca tinha visto nada igual: uma coisa para se repelir ou se encantar.

— Helena, acene para as estrelas! — exclamou Sebastiana, dando a entender que Rodrigo estaria ali.

— Vou apanhar a estatueta, primeiro — disse Helena.

Cinco minutos depois, se chegou e estendeu os braços erguendo a estatueta, depois soluçou uma oração para os mortos ali presentes. E não era ficção, mas a crença advinda do povo que por séculos habitou o Facho Grande.

A vida perfeita é uma coisa rara. A imagem de Rodrigo vinha-lhe à mente. Ela poderia passar a vida toda tentando reencontrá-lo e não seria uma vida vazia. Ele veio ao anoitecer, entretanto...

— As estrelas tomam conta deste céu do Vale dos Teremembeses e cada estrelinha é um guerreiro Tremembé — murmurou Helena, naturalmente.

Se soubesse mais a respeito dos teremembeses, teria a certeza que não estava se enganando. Das crenças desses índios, a mais simples era acreditar que as estrelas representavam os guerreiros mortos em combate; a mais intrigante, a incorporação do espírito curandeiro da tribo para a cura. Ela estava convicta que grandes guerreiros nunca morrem.

Assim não se conteve e gritou para Sebastiana, enquanto apontava para uma estrela do Cruzeiro do Sul:

— Ali... Ali, olha lá. É Rodrigo.

Sebastiana repetiu:

— É sim... Ele mesmo.

— Olha! A estrela piscou duas vezes — insistiu ela.

— Eu também vi, Helena.

A ESTATUETA DE OURO

— Eu sei, Sebastiana... Em algum lugar lá em cima, no escuro da noite, ele está ouvindo.

Sebastiana compunha estros e cantarolava-os para as estrelas.

Oh que índio é estrela!

Que índio quer tupã!

Estrela maior é tupã!

Elas estavam convictas que Rodrigo estava ali entre as estrelas. Não o viam, mas podiam sentir a sua presença.

TREZE



*A história com todos os detalhes,
essa, Rodolfo jamais saberá.*

Alguns anos depois, o sonho de recuperar a estatueta e reconstruir a aldeia estava concretizado. Helena sabia que o destino dos teremembeses estava ali com o filho. Rodolfo Tremembé era o mais novo descendente dos índios teremembeses, uma vertente dos cariris, que um dia habitaram a plaga do Facho Grande.

Depois da morte de Rodrigo Tremembé, Helena assumiu a missão de continuar aquele legado. O filho não tinha conhecimento da história sofrida do seu povo. Ela nunca havia lhe falado sobre o que aconteceu com o pai e com os ancestrais. Inventou uma história que não convenceu o filho e isso lhe provocava mais interesse na verdade. Ele foi seguindo alguns detalhes, mas havia pontos discordantes. Assim mesmo cresceu adorando aquela vida no novo território. Era parecido com o pai: os olhos e cabelos negros dos teremembeses não deixavam dúvidas disso; mas herdara a curiosidade da mãe.

— Chegou cedo hoje, hein filho! — disse Helena, quando o filho chegava de mais uma pescaria trazendo, a reboque, uma feira de peixes: produto do trabalho madrugador.

A ESTATUETA DE OURO

Devido ao terreno úmido e movediço, os seus passos deixaram marcas na entrada da oca. Era manhã, mas o temporal tinha escurecido de tal modo a matina que parecia tardezinha.

— Deu para apanhar uma boa quantidade de peixes — exclamou Rodolfo, olhando atentamente para sua mãe enquanto colocava os apetrechos em cima do jirau. Ele sempre utilizava o caniço, mas dessa vez usou o matapi e a quantidade de peixes foi maior.

Helena olhou pela janela. A flecha que havia saído do arco ainda balançava no tronco do carvalho como se estivesse marcando o domínio. Ele possuía o costume de na chegada desferir uma flecha contra a árvore. No fundo, as torres de fumaça cercavam o vale; atrás, o paraíba junto à montanha, onde ele aportara a igara de frente para a ocara.

Chovia muito em torno, nuvens negras denunciavam isso. As gotas intensas estavam próximas e dez minutos depois o temporal se instalou.

Duas horas depois, ele encontrou uma carta que o pai tinha escrito, dizendo que estava próximo de recuperar a estatueta e selar a vingança dos teremembeses.

— Eu tinha certeza que é uma longa história — murmurou Rodolfo, sacudindo a correspondência encontrada.

Isso aguçou sua curiosidade. Alvitrando-se, além disso, no mesmo momento, mostrou a carta para sua mãe e reclamou a verdade.

— Olhe mamãe! A senhora nunca me falou sobre esta carta que papai deixou.

Atônita, ela não sabia se o momento era propício para a verdade. Ficou sem saber o que fazer, pois sempre procurou poupá-lo dos fatos.

PAULO CAVALCANTE

Embora o bilhete relatasse a aventura de recuperar a estatueta de São Francisco Xavier, o genocídio dos teremebeses poderia afetar, de sobremaneira, o futuro de Rodolfo. Entretanto a história seria contada, pois os ânimos estavam mais exaltados e quando Rodolfo colocava alguma coisa na cabeça não tinha quem o fizesse desistir — só sossegou no momento que Helena prometeu contar toda a história.

Assim, ali, naquele local, Rodolfo cresceu tendo a impressão que faltava algo e estava certo: a história dos teremebeses era muito mais epopéica. Ele respeitava as coisas que fora aprendendo, mas queria mais e a sua mãe não precisava as conseqüências disso. Naquele dia havia uma diferença no seu semblante. Uma curiosidade mais forte se apresentava exatamente sobre o passado.

A demora para contar os acontecimentos ocorridos no Facho Grande se justificava. O juvenzinho não tinha idade suficiente para ajuizar todos os detalhes de uma história sangrenta e covarde. Entretanto, a tristeza pela perda do marido e a pressão de Rodolfo amoleceram o coração da guerreira tremembé. Não havia mais como retardar, pois ele aguardava impaciente, sentado na cadeira de timbó, balançando as pernas e com os olhos fixos na fogueira que ardia lançando salpicos estelares no ar.

— Bom, finalmente vai me contar tudo, não é, mamãe? — Rodolfo perguntou.

— Primeiro vá lá dentro, menino, traga-me um café e também a estatueta de São Francisco — disse Helena, erguendo os olhos enquanto Rodolfo levantava da espreguiçadeira.

Ele voltou em poucos minutos com as duas coisas e passou às mãos de sua mãe.

A ESTATUETA DE OURO

Depois de algum instante, Helena pensou consigo: — Por que não começar logo a história dos teremembeses? Por quê?

Rodolfo esperava que a mãe contasse logo, como ela ficou calada, ele disse:

— Mamãe, vamos comece logo!

— Claro. Mas pare de balançar essas pernas.

Sentado na cadeira, ela segurou firme a estatueta feita em ouro maciço. Na sua frente, a xícara fumegante espalhava o aroma do café. Rodolfo permanecia atento.

— A vida do seu pai não foi fácil, meu filho? — afirmou Helena, antes de iniciar os acontecimentos.

— Vamos mamãe! Comece logo.

— Está bem.

Alguma coisa no fundo do coração de Helena impedia de contar a história com todos os detalhes, e isso a inquietava. Mas era necessário omitir alguns pormenores que diziam respeito apenas a sua vida. E assim, finalmente, Rodolfo ficou sabendo dos acontecimentos no Facho Grande. Entretanto a história com todos os detalhes... Essa, Rodolfo jamais saberá.

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

A ESTATUETA DE OURO
by PAULO CAVALCANTE

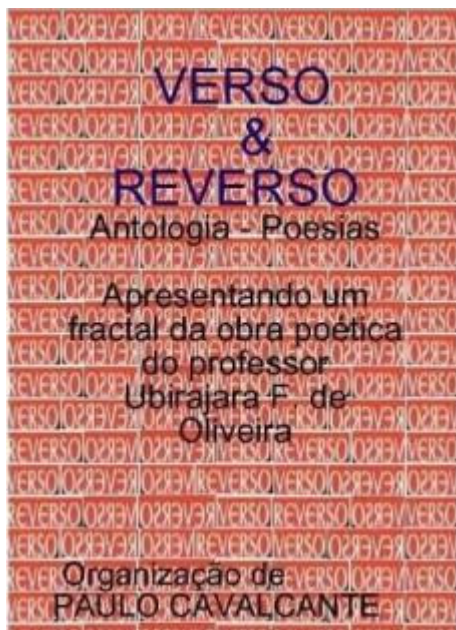
Vendas: www.lulu.com/paulocavalcante

Contato: paulodminas@hotmail.com

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

TRABALHOS E PARTICIPAÇÕES DO AUTOR



Antologia organizada pelo autor para homenagear o insigne poeta e professor Ubirajara Fernandes de Oliveira, que nasceu no Estado do Espírito Santo, no ano e faleceu em Turiaçu (MA), em 1978.

PAULO CAVALCANTE

A ESTATUETA DE OURO

TRABALHOS E PARTICIPAÇÕES DO AUTOR



Paulo Cavalcante tem poesias publicadas na Antologia Delicatta III – 2008, lançada na XX Bienal Internacional do Livro em São Paulo, em conjunto com escritores brasileiros e portugueses, onde recebeu premiação.

PAULO CAVALCANTE